



## Índice

<b>Secretaria de Administração .....</b>	<b>2</b>
<b>LEI.....</b>	<b>2</b>
<b>LEI MUNICIPAL Nº. 055 DE 2000 - DISPÕE SOBRE A POLÍTICA MUNICIPAL DE ATENDIMENTO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, CRIA OS CONSELHOS, O FUNDO, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS .....</b>	<b>2</b>
<b>Lei 189/2015 - DISPÕE SOBRE A REESTRUTURAÇÃO DA POLÍTICA MUNICIPAL DE ATENDIMENTO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.</b>	<b>2</b>

## Secretaria de Administração

### LEI

#### **LEI MUNICIPAL Nº. 055 DE 2000 - DISPÕE SOBRE A POLÍTICA MUNICIPAL DE ATENDIMENTO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, CRIA OS CONSELHOS, O FUNDO, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS**

DISPÕE SOBRE A POLÍTICA MUNICIPAL DE ATENDIMENTO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, CRIA OS CONSELHOS, O FUNDO, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS Artigo 1º) - Fica Instituída a Lei que dispõe sobre a Política Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e as normas gerais para sua adequada aplicação. Artigo 2º) - O atendimento dos Direitos da Criança e do Adolescente, no âmbito Municipal, far-se-á através de: I — Políticas Sociais Básicas de Educação, Saúde, Recreação, Cultura, Lazer, Profissionalização e outras, assegurando-se em todas elas o tratamento com dignidade e respeito à liberdade e à convivência familiar e comunitária; II — Política e programas de assistência social, caráter supletivo, para aqueles que deles necessitam. III — Serviços especiais de prevenção e atendimento dos direitos da criança e do adolescentes nas linhas de: a) Atendimento integral a usuários e/ou dependentes de substâncias psicotrópicas; b) Proteção e atendimento médico e psicológico às vítimas de negligência, maus tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão; c) Identificação e localização de pais, crianças e adolescentes desaparecidos; d) Proteção judicial. § 1º) - É vedada a criação de programas de caráter compensatório da ausência ou insuficiência das políticas sociais básicas no Município sem a prévia anuência do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. § 2º) - O município destinará recursos e espaços públicos para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e juventude. § 3º) - O município poderá firmar consórcios e convênios com entidades públicas ou outras esferas governamentais, para atendimento regionalizado, desde que haja prévia autorização do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. CAPÍTULO IDAS DISPOSIÇÕES GERAIS Artigo 3º) - São órgão da Política de Atendimento: I — Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente; II — Conselho Tutelar PARÁGRAFO ÚNICO) — Como diretriz da Política de atendimento fica instituído o Fundo Municipal de Atendimento à Criança e ao Adolescente, gerido pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e vinculado operacionalmente à Secretaria Municipal de Educação e Desporto. CAPÍTULO IIDO CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE SEÇÃO IDA CRIAÇÃO E NATUREZA DO CONSELHO Artigo 4º) - Fica criado o CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, órgão deliberativo, normativo e controlador das ações em todos os níveis, observada a participação popular paritária, por meio de organizações representativas da Sociedade Civil. Artigo 5º) - O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente fica vinculado administrativamente à Secretaria de Municipal de Educação, que providenciará as condições de infra estrutura para o seu devido funcionamento. SEÇÃO IIDAS ATRIBUIÇÕES DO CONSELHO Artigo 6º) - São Atribuições do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente: I — Formular política Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, fixando prioridades para a execução das ações, a captação e a aplicação de recursos; II — Zelar pela execução dessa política, atendida as peculiaridades das crianças e adolescentes, de suas famílias, de seus grupos de vizinhança e dos bairros ou da zona urbana ou rural em que se localizam; III — Formular as prioridades a serem incluídas no planejamento do Município em tudo o que se refira ou possa afetar as condições de vida das crianças e dos adolescentes; IV — Estabelecer critérios, formas e meios de fiscalização de tudo o quanto se executa no Município que possa afetar as suas deliberações; V — Registrar as entidades não governamentais de atendimento dos direitos da criança e do adolescente que mantêm programas de: a) Orientação e apoio sócio familiar; b) Apoio sócio educativo em meio aberto; c) Colocação familiar; d) Abrigo; e) Liberdade assistida; VI — Registrar os programas a que se refere o inciso anterior das entidades governamentais e não governamentais que operem no município. PARÁGRAFO ÚNICO) — No âmbito dos programas governamentais incluem-se: a) Semi liberdade; b) Internação VII — Regulamentar, organizar e coordenar o processo de escolha e posse dos membros dos Conselhos Tutelares do Município nos termos do Artigo 139 da Lei 8.069/90, alterada pela Lei Federal 8.242/91 : VIII — Fixar a remuneração dos membros dos Conselhos Tutelares, observados os critérios do

Artigo 25 desta Lei;IX — Dar posse aos membros dos Conselhos Tutelares, conceder licença aos membros, nos termos do respectivo regulamento e declarar vago o posto, por perda de mandato nos casos previstos em Lei;X — Gerir o fundo de que trata o Parágrafo único do Artigo 3 0 desta Lei, alocando recursos para os programas dos órgãos governamentais e repassando verbas para as entidades não governamentais, através de convênio;XI — Elaborar o Plano de Aplicação do Fundo Municipal de Atendimento à Criança e ao Adolescente;XII — Controlar e fiscalizar a aplicação dos recursos que constituem o Fundo Municipal de Atendimento à Criança e ao Adolescente;XIII — Propor e manter estudos e levantamentos sobre a situação da criança e do adolescente no município;XIV — Promover de forma contínua atividades de conscientização dos Direitos da Criança e do Adolescente;XV — Aprovar o seu Regimento Interno, pelo voto de dois terços de seus membros;XVI — Requisitar da Secretaria Municipal de Educação apoio técnico especializado de assessoramento procurando efetivar os princípios e diretrizes e os direitos estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente;XVII — Elaborar propostas de alteração na legislação em vigor, para o atendimento dos Direitos da Criança e do Adolescente encaminhando-as às autoridades competentes;XVIII — Expedir resoluções do âmbito das suas atribuições. SEÇÃO II DOS MEMBROS DO CONSELHO Artigo 7º) - O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente é composto de 7 (sete) membros e seus respectivos suplentes, sendo:I — Três (3) membros designados pelo Chefe do Executivo Municipal, representando as Secretarias e órgãos responsáveis pelas políticas sociais básicas, de assistência social, de atendimento dos direitos da criança e do adolescente e pela Administração ou Planejamento do Município.II — Quatro (4) membros representando as entidades e movimentos da sociedade civil organizada que incluem em seus objetivos a defesa, proteção, assistência social e atendimento dos direitos humanos infanto-juvenis, escolhidos mediante articulação e coordenação do Fórum DCA.§ 1º) - Cada membro do Conselho terá seu respectivo suplente, oriundo da mesma entidade, instituição ou movimento ao se vincula o titular.§ 2º) - Os membros do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente serão nomeados pelo Prefeito Municipal, respeitados os critérios acima.Artigo 8º) - O mandato dos Conselheiros será de 2 (dois) anos, permitida uma recondução, por igual período.Artigo 9º) - A função dos membros do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente é considerada de interesse público relevante e não será remunerada.Artigo 10) - O exercício da função de Conselheiro será considerado prioritário, sendo justificadas as ausências a quaisquer outros serviços, quando determinadas pelo seu comparecimento às sessões do Conselho ou pela participação em diligências autorizadas por este.Artigo 11)- Perderá o mandato o conselheiro que faltar injustificadamente a três sessões consecutivas ou cinco alternadas, no período de um ano, ou se for condenado em sentença, transitado e julgado, por crime ou contravenção penal de qualquer natureza. CAPÍTULO III DO FUNDO MUNICIPAL DE ATENDIMENTO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE Artigo 12) - Fica criado o Fundo Municipal de Atendimento à Criança e ao Adolescente, como mecanismo de captação e aplicação de recursos a serem utilizados segundo diretrizes e deliberações do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, de acordo com as determinações desta Lei.§1º) - Compete à Secretaria de Educação manter estrutura de execução e controle contábeis do Fundo Municipal, de que trata esta lei, inclusive para efeito de prestação de contas, na forma legal.§2º) - As ações de que trata o caput deste artigo referem-se referem - se, prioritariamente, aos programas voltados à criança e ao adolescente expostos à situação de risco pessoal e social, cuja necessidade de atenção extrapola o âmbito das políticas sociais básicas.§3º) - Dependerá de deliberação de 2/3 dos membros do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente a autorização para a aplicação dos recursos do Fundo em outros tipos de programas que não os estabelecidos no parágrafo anterior.§4º) - Os recursos do Fundo, serão administrados segundo o Plano de Aplicação elaborado pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Artigo 13) - Por conta do Fundo, que atende a este artigo, fica autorizado o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, através da secretaria Municipal de Educação, a prestar auxílio financeiro e ou subvenções, bem como auxílio para despesas de capital e formalizar convênios com entidades governamentais e não governamentais. Artigo 14) - São receitas do Fundo:I — Dotação consignada, anualmente, no orçamento Municipal para o atendimento à criança e ao adolescente e as demais verbas adicionais que a lei estabelecer no decurso de cada exercício;II — Doações de pessoas físicas e jurídicas, conforme disposto no art. 260 da Lei 8.069/90;III — Valores provenientes das multas previstas no artigo 214 da Lei 8.069/90, e oriundas das infrações descritas nos artigos 228 a 258 da referida lei;IV — Transferência de recursos financeiros oriundos dos Fundos Nacional e Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente;V — Doações, auxílios, contribuições, transferências de entidades nacionais, internacionais, governamentais e não

governamentais;VI — Produtos de aplicações financeiras de recursos disponíveis, respeitada a legislação em vigor;VII — Recursos advindos de convênios, acordos e contratos firmados entre o Município e instituições privadas e públicas, nacionais e internacionais, federais, estaduais e municipais, para repasse a entidades executoras de programas integrantes do Plano de Aplicação;VIII — Outros recursos que por ventura lhes forem destinados. Artigo 15) - O Fundo será regulamento por Decreto exarado pelo chefe do Poder Executivo local, depois de aprovado pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. CAPÍTULO IV DO CONSELHO TUTELAR SEÇÃO I DA CRIAÇÃO E NATUREZA DO CONSELHO Artigo 16) - Fica criado o Conselho Tutelar, órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente. SEÇÃO II DOS MEMBROS E DAS ATRIBUIÇÕES DO CONSELHO Artigo 17) - O Conselho Tutelar será composto de cinco membros, com mandato de três anos, permitida uma recondução. PARÁGRAFO ÚNICO) — Para cada conselheiro haverá um suplente. Artigo 18) - São atribuições do Conselho Tutelar;I — Atender crianças e adolescentes nas hipóteses previstas nos artigos 98 e 105, aplicando as medidas previstas no 101, incisos I a VII todos da Lei Federal n. 08.069/90;II — Atender e aconselhar os pais ou responsáveis, aplicando as medidas previstas no Artigo 129, incisos I a VII todos da Lei Federal n. 08.069/90;III — Promover a execução de suas decisões, podendo, para tanto:a) Requisitar serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança.b) Representar junto à autoridade judiciária nos casos de não cumprimento injustificado de suas deliberações.IV — Encaminhar ao Ministério Público notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra os direitos da criança e do adolescente;V — Encaminhar à autoridade judiciária os casos de sua competência;VI — Providenciar o cumprimento da medida estabelecida pela autoridade judiciária dentre as previstas no artigo 101, incisos I a VI, para o adolescente autor de ato infracional;VII — Fiscalizar as entidades de atendimento, conforme prevê o artigo 95 da Lei 8.069/90;VIII — Expedir notificações;IX — Requisitar certidões de nascimento e de óbito de crianças ou adolescentes, quando necessário;X — Assessorar o Poder Executivo local na elaboração de proposta orçamentária para planos e programas de atendimento dos direitos da criança e do adolescente;XI — Representar em nome da pessoa e da família, contra a violação dos direitos previstos no artigo 220 Parágrafo 3º, inciso II da Constituição Federal;XII — Representar ao Ministério Público, para efeito das ações de perda ou suspensão do pátrio poder;XIII — Promover, através de seminários e demais meios que o Conselho Tutelar entender viável, a divulgação de suas atribuições, a fim de que a população lhe encaminhe os casos que lhe são afetos;XIV — Promover intercâmbio com os Conselhos Tutelares de outros Municípios. Artigo 19) - O Conselho Tutelar funcionará em local designado pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, fazendo atendimento ao público das 8 às 18 horas de Segunda a Sexta-feira.§1º) - Nos demais horários, inclusive nos finais de semana e feriados, permanecerá um plantão, mediante escala de serviços, sob orientação e responsabilidade de um dos membros titulares.§2º)- O Conselho Tutelar deverá fixar em sua sede, em local visível a escala de plantão dos seus membros. SEÇÃO III DA ESCOLHA DOS CONSELHEIROS Artigo 20) - A escolha dos Conselheiros será feita pela comunidade local, na forma definida pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, conforme determina o artigo 5º desta Lei, com a fiscalização do Ministério Público. Artigo 21) - O Processo de escolha será regulamentado mediante resolução do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Artigo 22) - São requisitos para candidatar-se e exercer as funções de membro do Conselho Tutelar:I — Reconhecida idoneidade moral;II — Idade superior a 21 anos;III — Residir no Município há mais de dois anos;(1 IV — Estar em gozo dos direitos políticos;V — Instrução equivalente ao 2º grau;VI — Reconhecida experiência na área de defesa, proteção, assistência social e atendimento dos direitos da criança e do adolescente ou em defesa do cidadão, há no mínimo dois anos;VII — Comprovada participação e aproveitamento em processo de capacitação e avaliação acerca dos direitos infanto-juvenis, promovido pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, no decurso do processo de escolha;VIII — Ser referendado por entidade de reconhecida atuação no Município. PARÁGRAFO ÚNICO — A verificação do preenchimento do requisito descrito no inciso VII deste artigo operar-se-á em conformidade com a resolução expedida pelo Conselho Municipal. Artigo 23) - A candidatura é individual e sem qualquer vínculo com partido político. SEÇÃO IV DO EXERCÍCIO DA FUNÇÃO E DA REMUNERAÇÃO DOS CONSELHEIROS Artigo 24) - O exercício da função de conselheiro constituirá serviço público relevante, estabelecerá presunção de idoneidade moral e assegurará prisão especial em caso de crime comum, até julgamento definitivo. Artigo 25) - A remuneração do Conselho Tutelar, corresponderá ao Nível de Diretor de Departamento ao Presidente e de Auxiliar Administrativo aos demais Conselheiros, do Quadro do Funcionalismo da

Prefeitura.PARÁGRAFO ÚNICO) — Sendo eleito servidor público Municipal ou Estadual, fica-lhe facultado optar pelos vencimentos e vantagens de seu cargo, vedada a acumulação de vencimentos.Artigo 26) - Na qualidade de membros eleitos para o exercício do mandato, os Conselheiros não serão servidores que integram o quadro da Administração Municipal.Artigo 27) - Os recursos necessários à remuneração dos membros do Conselho Tutelar e para a sua estrutura de funcionamento terão origem na dotação orçamentária do Município e serão pagos pela Secretaria Municipal de Educação (ou Gabinete do Prefeito).Artigo 28) - Os membros do Conselho Tutelar cumprirão obrigatoriamente uma jornada de oito horas diárias, ficando a cargo da Conselho Municipal deliberar sobre o horário e o local se seu funcionamento. SEÇÃO VDA PERDA DO MANDATO E DOS IMPEDIMENTOS DOS CONSELHEIROS Artigo 29) - Perderá o mandato o Conselheiro que:I — Praticar ilícito penal, sendo condenado por crime ou contravenção penal, em sentença transitado em julgado;II — Faltar sem justificar a três sessões consecutivas ou seis alternadas, em um ano;III — Em caso, reincidente, de omissão ou negligência no cumprimento de suas atribuições;IV — Em caso comprovado de inidoneidade moral.§1º) - Em qualquer das hipóteses acima será concedido ao Conselheiro o amplo direito de defesa.§2º) - Verificadas as hipóteses nos incisos anteriores, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente declarará vago o posto de Conselheiro, dando posse imediata ao primeiro suplente.Artigo 30) - Serão impedidos de servir no mesmo Conselho, marido e mulher, ascendente e descendente, sogro e genro ou nora, irmão, cunhado, durante o cunhado, tio e sobrinho, padrasto ou madrastra e enteado.§1º) - Estende-se o impedimento do conselheiro, na forma deste artigo, em relação à autoridade judiciária e ao representante do Ministério Público, em exercício na Comarca.§2º) - As disposições acima aplicam-se aos membros do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. CAPÍTULO V DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIASArtigo 31) - A instalação do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente dar-se-á no prazo de 60 (sessenta) dias da publicação desta Lei.Artigo 32) - No prazo máximo de 30 (trinta) dias da sua posse, o Conselho Municipal aprovará seu regimento interno.Artigo 33) - O Poder Executivo Municipal encaminhará Projeto de lei ao legislativo, para autorizar a abertura de crédito adicional especial, em valor suficiente para atender as despesas decorrentes do cumprimento desta Lei.Artigo 34) - O Poder Público Municipal providenciará as condições materiais e os recursos necessários para o funcionamento do conselho de Direitos e do Conselho Tutelar.Artigo 35) - Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação. Revogam se as disposições em contrário. GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE SÃO PEDRO DA ÁGUA BRANCA, Estado do Maranhão, aos vinte e um dias do mês de agosto de dois mil. NERIAS TEIXEIRA DE SOUSA Prefeito Municipal

Publicado por: JOELBERT

Código identificador: \$YUXsIAmu1lz

## **Lei 189/2015 - DISPÕE SOBRE A REESTRUTURAÇÃO DA POLÍTICA MUNICIPAL DE ATENDIMENTO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.**

Lei 189/2015 DISPÕE SOBRE A REESTRUTURAÇÃO DA POLÍTICA MUNICIPAL DE ATENDIMENTO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. CAPÍTULO DA POLÍTICA MUNICIPAL OOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE Seção Disposições Preliminares Art. 1º. Esta Lei dispõe sobre a reestruturação da política municipal de atendimento dos direitos da criança e do adolescente e estabelece normas gerais para a sua adequada aplicação.Art. 2º. A política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente no município far-se-á através de um conjunto articulado de ações governamentais e não governamentais, assegurando-se a proteção integral e a prioridade absoluta. conforme preconiza a Lei Federal ne 8.069/1990 • Estatuto da Criança e do Adolescente.Parágrafo único. AS ações a que se refere o caput deste artigo serão implementadas através de:I - políticas sociais básicas de educação, saúde, esparte, cultura, lazer E trabalho;II - Serviços. programas projetos de Assistência Social. aqueles que deles necessitem;III - Serviços especiais de prevenção e atendimento médico e psicossocial às Vitimas de negligência. maus tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão;IV - Serviço de identificação e localização de pais, responsáveis, crianças e adolescentes desaparecidos;V - Proteção Jurídico-social por entidades de defesa dos direitos da criança e do adolescente.VI - Políticas e programas destinados a prevenir ou abreviar o período de afastamento do convívio familiar e a garantir o efetivo exercício do direito a convivência familiar de crianças e adolescentes;VII - Campanhas de estímulo acolhimento sob forma de guarda de Crianças e adolescentes afastados do convivia familiar e à adoção, especificamente inter-racial, de crianças maiores

Ou de adolescentes, com necessidades específicas de saúde ou com deficiências e de grupos de irmãos. Art. 3º. Aos que necessitarem da política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente será prestada assistência social, em caráter supletivo. §1º. É vedada no município a criação de programas em caráter compensatório da ausência ou insuficiência das políticas sociais básicas e demais políticas necessárias à execução das medidas protetivas e socioeducativas previstas arts. 87. 101 e 112, da Lei n' 8.069,90, sem a prévia manifestação do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente-§2º. Os programas serão classificados como de proteção ou socioeducativos e destinar-se-ão:a) a Orientação e apoio sociofamiliar;b) serviços especiais de prevenção e atendimento médico e psicossocial às vítimas de negligência, malfeitos. exploração, abuso, crueldade e opressão;c) prevenção e tratamento especializado a crianças e adolescentes, pais ou responsáveis usuários de substâncias psicoativas;d) identificação e localização de pais ou responsável. crianças e adolescentes desaparecidos;e) proteção jurídico-social;f) a colocação em família substituta;g) ao abrigo em entidade de acolhimento;h) apoio aos programas de aprendizagem e profissionalização de adolescentes;i) ao apoio socioeducativo em meio aberto;j) ao apoio socioeducativo em meio fechado. §3º O atendimento a ser prestado a crianças e adolescentes será efetuado em regime de cooperação e articulação entre os diversos setores da administração pública e entidades não governamentais, contemplando, obrigatoriamente, a regularização do registro civil e realização de um trabalho de orientação. apoio, inclusão e promoção das famílias.§4º. Os serviços e programas acima relacionados não excluem outros. que podem vir a ser criados em benefício de crianças. adolescentes e suas respectivas famílias. Art. 4º. Nos termos do disposto no art. 89 da Lei ne 8.06980, a função de membro do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente é considerada de interesse público relevante e não será remunerada em qualquer hipótese.Parágrafo único. Caberá à administração pública. na nível respectivo, o custeio ou reembolso das despesas decorrentes de transporte, alimentação e hospedagem dos membros do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente. titulares ou suplentes, para que possam se fazer presentes a reuniões ordinárias e extraordinárias. bem como a eventos e solenidades nos quais devam representar oficialmente a Conselho. mediante dotação orçamentária específica. Art. 5º. Ficam mantidos no Município os Serviços Especiais de Apoio, Orientação. Inclusão e Acompanhamento Familiar a ser estruturado com recursos materiais e humanos aptos ao desempenho das finalidades previstas no artigo 3g. § 39 desta Lei. Seção IIDOS ÓRGÃOS DA POLÍTICA DE ATENDIMENTO Art. 6º — São órgãos da política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente:I - Conferência Municipal aos Direitos da Criança e do Adolescente;II - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente • CMDCA;III -Conselhos Tutelares; eIV - Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. CAPÍTULO DA CONFERÊNCIA MUNICIPAL OOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE Art. 7º. Fica instituída a Conferência Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, espaço colegiado de caráter deliberativo, composta por delegados. representantes das entidades ou movimentos da sociedade civil organizada diretamente ligados defesa ou ao atendimento dos direitos da criança e do adolescente, e do Poder Executivo, devidamente credenciados. que se reunirão a cada dois anos, sob a coordenação do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMOCA. mediante regimento próprio.Parágrafo único. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente CMDCA poderá convocar a Conferência extraordinariamente, por decisão da maioria de seus membros. Art. 8º, A Conferência será convocada pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA, em período determinado pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente • CONANDA. Ou por iniciativa própria, através de edital de convocação, publicado com antecedência mínima de 50 (sessenta' dias. no qual constará o Regulamento da Conferência. § 1º. para realização da Conferência, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente • CMDCA constituirá comissão organizadora paritária. garantindo a participação de adolescentes.§ 2º. Em caso de não convocação por parte da Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA dentro do prazo referido no caput deste artigo, a iniciativa caberá a (um terço) das entidades registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA, que formarão comissão paritária para organização e coordenação da Conferência.§ 3º. Em qualquer caso, cabe ao Poder Público garantir as condições técnicas e materiais para realização da Conferência. Art. 9º. A "Convocação da Conferência deve Ser amplamente divulgada nos principais meios de comunicação de massa. bem como através de convocação oficial às entidades, organizações e associações definidas no Regulamento da Conferência,Art. 10. Serão realizadas pré-conferências com o objetivo de discutir propostas como etapa preliminar à Conferência.§1º A forma de convocação estruturação das pré-conferências, a data, O horário e os locais de sua realização serão definidos no edital de convocação da Conferência. com a

elaboração de um cronograma. §2º. Deverão participar crianças e adolescentes, propiciando-se metodologia apropriada à faixa etária para a realização dos trabalhos. Art. 11. Os delegados da Conferência Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente representantes dos segmentos da sociedade civil serão credenciados com antecedência, garantindo a participação dos representantes de cada segmento, com direito à voz e voto, conforme dispor o Edital de Convocação e o Regulamento da Conferência. Art. 12. Os delegados do Poder Executivo na Conferência serão indicados pelos gestores estaduais regionais e municipais de cada política setorial de atendimento Criança ao adolescente, mediante ofício enviado ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA no prazo de até (dez) dias anteriores à realização da Conferência, garantindo a participação dos representantes das políticas setoriais que atuam direta ou indiretamente na defesa dos direitos da criança e do adolescente, com direito a voz e voto. Art. 13. Compete à Conferência: aprovar o seu Regimento; I - aprovar o seu Regimento; II - avaliar através de elaboração de diagnóstico, a realidade da criança e do adolescente no Município; III - fixar as diretrizes gerais da política municipal de atendimento à criança e do adolescente no biênio subsequente ao de sua realização; IV - eleger os segmentos governamentais titulares e suplentes representantes da sociedade civil organizada no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA; V - eleger os representantes do município para as Conferências realizadas com abrangência regional e estadual; VI - aprovar e dar publicidade às suas deliberações, através de resolução. Art. 14. A Conferência Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente possui caráter deliberativo, e suas deliberações relativas política de atendimento à criança e ao adolescente serão incorporadas ao Planejamento Estratégico dos órgãos públicos encarregados de sua execução e a suas propostas Orçamentárias com a maior absoluta prioridade, observado o disposto no artigo 49, caput parágrafo único, alíneas "c" e da Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990 e artigo 227, caput, da Constituição Federal. Art. 15. O Regulamento e o Regimento da Conferência irão dispor sobre sua organização e sobre o processo eleitoral dos segmentos não governamentais representantes da sociedade civil no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMOCA. Parágrafo único. A eleição dos segmentos não governamentais será realizada em Assembleia própria de cada segmento, durante a Conferência, sob fiscalização do Ministério Público. CAPÍTULO III DO CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - CMOCA Seção Das Disposições Gerais Art. 16 — Fica mantido e reestruturado o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente do Município de São Pedro da Água Branca - MA, criado através nº 0 7 7/2 0 0 4 e em funcionamento, órgão deliberativo da política de promoção dos direitos da criança e do adolescente, controlador das ações em todos os níveis de implementação desta política e responsável por fixar critérios de utilização e planos de aplicação do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. §1º. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente atenderá aos seguintes Objetivos: I — definir, no âmbito do município, políticas públicas de proteção integral à infância e a juventude de São Pedro da Água Branca — MA, incentivando a criação de condições objetivas para sua concretização, com vistas ao cumprimento das obrigações e garantias dos direitos previstos nesta Lei; II — controlar ações governamentais e não governamentais, com atuação destinada à infância e a juventude do município de São Pedro da Água Branca — MA, com vistas à consecução dos objetivos definidos nesta Lei. II - controlar ações governamentais e não governamentais, com atuação destinada à infância e juventude do município de São Pedro da Água Branca - MA, com vistas à consecução dos objetivos definidos nesta lei. §2º. Entende-se por política pública aquela que emana do poder governamental e da sociedade civil organizada, visando o interesse coletivo Seção II Da Composição e Mandato Art. 17. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente é composta de 10 (dez) membros, sendo: I - 06 (seis) membros, com poderes de decisão no próprio âmbito de atuação, indicados pela Prefeitura Municipal, representando as Secretarias e Órgãos responsáveis pelas políticas sociais básicas, de assistência social, de atendimento dos direitos da criança e do adolescente e pela administração, Finança e Gabinete do prefeito (a) Municipal, 06 (seis) membros, representando Igrejas, Entidades e Movimentos da sociedade civil que incluem em seus objetivos a defesa, proteção, assistência social e/ou atendimento dos direitos infanto-juvenis, escolhidos mediante articulação de Fórum de Debate próprio. II - 06 (seis) membros, representando igrejas, entidades e movimentos da sociedade civil que incluem seus objetivos a defesa, proteção, assistência social, e/ou atendimento dos direitos infanto-juvenis, escolhidos mediante articulação do Fórum de Debate próprio. §1º. Cada membro do Conselho terá seu respectivo suplente, de acordo com ordem de votação. §2º. Os suplentes assumirão automaticamente, nas ausências e impedimentos dos membros efetivos. §3º. O mandato dos Conselheiros será de 02 (dois) anos, sendo permitido a recondução. Subseção II Dos Representantes do Governo Art. 18. Os representantes do

governo junto ao Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente deverão ser designados pelo Chefe do Executivo no prazo máximo de 30 (trinta) dias após a sua posse. §1º. Observada a estrutura administrativa dos diversos níveis de governo, deverão ser designados, prioritariamente, representantes dos setores responsáveis pelas políticas sociais básicas, direitos humanos e finanças e planejamento; §2º. Para cada titular deverá ser indicada um suplente, que substituirá aquele em caso de ausência ou impedimento, de acordo com o que dispuser o regimento interno do Conselho; §3º. O exercício da função de conselheiro, titular e suplente, requer disponibilidade para efetivo desempenho de suas funções em razão do interesse público e da prioridade absoluta assegurado aos direitos da criança e do adolescente. Art. 19. O mandato do representante governamental no Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente está condicionada à manifestação expressa contida no ato designatório da autoridade competente §1º. O afastamento dos representantes do governo junto ao Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente deverá ser previamente comunicado justificado para que não haja prejuízo das atividades do Conselho; §2º. A autoridade competente deverá designar o novo conselheiro governamental no prazo máximo da assembleia ordinária subsequente ao afastamento a que alude o parágrafo anterior. Subseção Dos Representantes da Sociedade Civil Organizada Art. 20. A representação da sociedade civil garantirá participação da população por meio de organizações representativas. §1º. Poderão participar do processo de escolha organizações da sociedade civil constituídas há pelo menos dois anos com atuação no âmbito territorial correspondente. §2º. A representação da sociedade civil no Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, diferentemente da representação governamental, não poderá ser previamente estabelecida, devendo submeter-se periodicamente a processo democrático de escolha. §3º. O processo de escolha dos representantes da sociedade civil junto ao Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente deve observar o seguinte: I - instauração pelo Conselho do referido processo, até 60 dias antes do término do mandato; II - designação de uma comissão eleitoral composta por conselheiros representantes da sociedade civil para organizar e realizar o processo eleitoral; convocação de assembleia para deliberar exclusivamente sobre §4º. O mandato no Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente pertencerá à organização da sociedade civil eleita, que indicará um de seus membros para atuar como seu representante; §5º. A eventual substituição dos representantes das organizações da sociedade civil no Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente deverá previamente comunicada e justificada para que não cause prejuízo a qualquer das atividades do Conselho; §6º. O Ministério Público deverá ser solicitado a acompanhar e fiscalizar o processo eleitoral de escolha dos representantes das organizações da sociedade civil. Art. 21. vedada a indicação de nomes ou qualquer outra forma de ingerência do poder público no processo de escolha dos representantes da sociedade civil junto ao Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente. Art. 22. O mandato dos representantes da sociedade civil junto ao Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente será de 02 (dois) anos. Seção III Dos Impedimentos, Cassação e perda do Mandato Art. 23. Não deverão compor o Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, no âmbito do seu funcionamento: I - Conselhos de políticas públicas; II - Representantes de órgão de outras esferas governamentais; III - ocupantes de cargo de confiança ou função comissionada do poder público, na qualidade de representante de organização da sociedade civil; IV - Conselheiros Tutelares. Parágrafo único. Também deverão compor o Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, na forma do disposto neste artigo, a autoridade judiciária, legislativa e o representante do Ministério Público da Defensoria pública, com atuação no âmbito do Estatuto da Criança e do Adolescente, ou em exercício na Comarca. Art. 24. Os representantes do governo e das organizações da sociedade civil poderão ter seus mandatos suspensos ou cassados, quando: I - for constatada a reiteração de faltas injustificadas às sessões deliberativas do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente; II - for determinada a suspensão cautelar de dirigente da entidade, de conformidade com o art. 191, parágrafo único, da Lei nº 8.069/90, ou aplicada alguma das sanções previstas no art. 97 desta Lei, após procedimento apuração de irregularidade cometida em entidade de atendimento, nos termos dos arts. 191 a 193 do mesmo diploma legal; III - for constatada a prática de ato incompatível com função ou com os princípios que regem a administração pública, estabelecidas pelo art. 4º, da Lei nº 8.429/92. Parágrafo único. A cassação do mandato dos representantes do Governo e das organizações da sociedade civil junto ao Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, em qualquer hipótese, demandará a instauração de procedimento administrativo específico, com a garantia do contraditório e ampla defesa, devendo a decisão ser tomada por maioria absoluta de votos dos integrantes do Conselho. Seção IV Da Posse dos Representantes da Sociedade Civil Art. 25. Os representantes da sociedade civil junto ao Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente serão empossados no prazo máximo de 30 (trinta) dias após a proclamação do resultado da respectiva eleição.



com a publicação dos nomes das organizações da sociedade civil e dos seus respectivos representantes eleitos, titulares e suplentes. Seção V Das Atribuições do Conselho Municipal Art. 26. AO Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente compete, privativamente, o controle da criação de quaisquer projetos ou programas no município, por iniciativa pública ou privada, que tenham como objetivo assegurar direitos, garantindo a proteção integral a infância e a juventude do município de São Pedro da Água Branca — MA. bem como o efetivo respeito ao princípio da prioridade absoluta a criança e ao adolescente. §1º. As decisões do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, no âmbito de suas atribuições e competências, vinculam as ações governamentais e da sociedade civil Organizada, em respeito aos princípios constitucionais da participação popular e da prioridade absoluta à criança e ao adolescente. §2º. Em caso de infringência de alguma de suas deliberações, o Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente representará ao Ministério Público visando adoção de providências cabíveis, bem assim aos demais órgãos legitimados para que demandem em Juízo mediante mandamental Ou ação civil pública. Art. 27. A concessão, pelo poder público, de qualquer subvenção Ou auxílio a entidades que, de qualquer modo, tenham por Objetivo a proteção, promoção e defesa dos direitos da criança e do adolescente, deverá estar condicionada ao cadastramento prévio da entidade junto ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de que trata este capítulo e a respectiva escrituração da verba junto ao Fundo Municipal. Art. 28. As resoluções do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente só terão validade quando aprovadas pela maioria absoluta dos membros presentes na sessão deliberativa e após sua publicação no Diário Oficial do Município e/ou Órgão Oficial de imprensa do município, seguindo as mesmas regras para publicação dos demais atos do Executivo. §1º. O CMDCA de São Pedro da Água Branca deverá encaminhar uma cópia de suas resoluções ao Juiz da Infância e à promotoria de Justiça com atribuição na defesa dos direitos da criança e do adolescente, bem como ao Conselho Tutelar. §2º. As assembleias mensais do Conselho deverão ser aprovadas e constar em calendário anual e as reuniões extraordinárias deverão ser convocadas com a ordem do dia, no mínimo 05 (cinco) dias antes de sua realização. Art. 29 — Compete ainda ao CMDCA: I — propor alterações na legislação em vigor e nos critérios adotados para o atendimento a criança e ao adolescente, sempre que necessário; II — assessorar o Poder Executivo Municipal na definição de dotação orçamentária a ser destinada a execução das políticas sociais de que trata esta Lei; III — definir a política de administração aplicação dos recursos financeiros que venham constituir o Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, em cada exercício; IV — difundir e divulgar amplamente a política municipal destinada criança e ao adolescente; V — promover capacitação dos técnicos e educadores envolvidos no atendimento direto a criança e ao adolescente, com o objetivo de difundir e reavaliar as políticas públicas sociais básicas; VI — encaminhar e acompanhar, junta aos órgãos competentes, denúncias de todas as formas de negligência, omissão, discriminação, exclusão, exploração, violência, crueldade e opressão contra a criança e o adolescente, controlando o encaminhamento das medidas necessárias a sua apuração; VII — manter intercâmbio com entidades federais, estaduais congêneres com outras, que atuem na proteção, promoção e defesa dos direitos da criança e do adolescente; VIII — incentivar e apoiar campanhas promocionais e de conscientização dos direitos da criança e do adolescente; IX — cobrar do Conselho Tutelar a supervisão do atendimento oferecido em delegacias especializadas de polícia, entidades de abrigo e de internação e demais instituições públicas ou privadas; X — propor modificações nas estruturas dos sistemas municipais que visam proteção, promoção e defesa dos direitos da criança e do adolescente; XI — elaborar e aprovar seu regimento interno, prevendo, dentre outras, 05 itens indicadas nas resoluções do Conanda às disposições desta Lei; XII — dar posse aos membros do Conselho Municipal Direitos da Criança e do Adolescente e do Conselho Tutelar; XIII — regulamentar, organizar e coordenar o processo de escolha dos conselheiros tutelares, seguindo as determinações da Lei 8.069/90, com as alterações inseridas pela Lei n. 6992/2012, os preceitos das resoluções do Conanda, nos termos desta Lei; XIV — convocar o suplente no caso de vacância ou afastamento do cargo de conselheiro tutelar, nos termos desta Lei, aplicando-se subsidiariamente o estatuto do servidor público municipal; XV - Gerir o Fundo Municipal da Infância e Adolescência - FIA, no sentido de definir a utilização dos recursos alocados no Fundo, por meio de plano de Trabalho e Aplicação, fiscalizando a respectiva execução; XVI - Participar, acompanhar e deliberar sobre elaboração, aprovação e execução do Plano plurianual • PPA, Lei de Diretrizes Orçamentárias - LDO e Lei Orçamentária Anual - LOA, no âmbito da política Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, zelando para que neles sejam previstos os recursos necessários à execução da política municipal de atendimento à criança e ao adolescente, com a prioridade absoluta preconizada no art. 4º, caput e parágrafo único, da Lei Federal nº 8.069/90 e no art. 227, caput, da Constituição Federal; XVII - Fixar critérios de utilização das verbas subsidiadas e

demais receitas, aplicando necessariamente percentual para o incentivo ao acolhimento, sob a forma de guarda, de crianças e adolescentes em situação de risco, órfãos ou abandonados, na forma do disposto no art. 227, § 3Q, VI. da Constituição Federal; XVIII - Integrar-se com outros Órgãos executores de políticas públicas direcionadas à criança e ao adolescente, e demais conselhos setoriais. XIX - instituir as Comissões Temáticas e Interssetoriais necessárias para o melhor desempenho de suas funções, as quais tem caráter consultivo e vinculação ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA; §2º. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente CMDCA manterá arquivo permanente no qual serão armazenados, por meio físico e eletrônico todos os seus atos e documentos a estes pertinentes. Seção VIDA Estrutura Básica do Conselho Municipal Art. 30 — A Administração Pública Municipal deverá fornecer recursos humanos e estrutura técnica, administrativa e institucional necessários ao adequado e ininterrupto funcionamento do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, devendo, para tanto, instituir dotação orçamentária específica que não onere o Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. §1º. A dotação orçamentária a que se refere o "caput" deste artigo deverá contemplar os recursos necessários ao custeio das atividades desempenhadas pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, inclusive despesas com capacitação dos conselheiros municipais. §2º. O CMDCA de São Pedro da Água Branca deverá contar com espaço físico adequado ao seu pleno funcionamento, cuja localização será amplamente divulgada, e dotado de todos os recursos necessários ao seu regular funcionamento, contanto, com, no mínimo, uma secretária administrativa, computador e materiais de escritório, além de um veículo, quando solicitado, para cumprimento das respectivas deliberações. Seção VI Dos Planos Municipais de Ações do CMDCA Subseção plano de Ação Municipal Art. 31. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente deverá em tempo hábil a cada ano, um Plano de Ação Municipal com Objetivo de ser inserido na LOA para ser executado no decorrer do ano seguinte. §1º. O Plano de Ação Municipal deverá ser configurado como diretriz para elaboração e execução de políticas públicas voltadas a atenção e ao atendimento às crianças e aos adolescentes do município, conforme a realidade local. §2º. O Plano Municipal de Ação terá como prioridade: a) articulação com as diversas políticas públicas municipais de atendimento a criança e ao adolescente; b) incentivo às ações de prevenção tais como: a gravidez precoce, a violência contra crianças e adolescentes, com ênfase violência sexual e trabalho infantil, indisciplina nas escolas, etc; c) estabelecimento de política de atendimento aos adolescentes; d) integração com outros Conselhos municipais. Art. 32. Serão realizadas anualmente campanhas para a captação de recursos, envolvendo a Prefeitura Municipal de São Pedro da Água Branca, as Organizações Governamentais e Não-Governamentais, a Comunidade e a Comissão de Captação de Recursos, criada através desta Lei. §1º. A Comissão de Captação de Recursos será composta por: a) 02 (dois) membros do CMDCA, sendo um representante do Poder Público e o outro representante da sociedade civil; b) 01 (um) representante dos empresários; c) 01 (um) representante das entidades sociais. §2º. A Comissão de Captação de Recursos tem o propósito de levar esclarecimentos e propostas às empresas e a população em geral (pessoas físicas e jurídicas) sobre a necessidade e importância da destinação de porcentagem do Imposto de Renda para entidades sociais. §3º. O CMDCA deverá manter controle das doações recebidas, bem como emitir, anualmente, relação que contenha nome e CPF ou CNPJ dos doadores, a especificação (se em dinheiro ou bens) e os valores individualizados de todas as doações recebidas, devendo encaminhá-la a unidade da Secretaria da Receita Federal até o último dia útil do mês de abril, em relação ao ano calendário anterior; §4º. Caberá ao CMDCA o planejamento e coordenação das campanhas. Subseção II Do plano Decenal dos Direitos Humanos da Criança e do Adolescente Art. 33. O Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente criará Comissão Intersetorial para Discussão e Elaboração do Plano Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes, composta por representantes dos seguintes órgãos, entidades, instâncias e fóruns: I — Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, que o coordenará; II — Conselho Tutelar; III — conselhos setoriais, em especial, de políticas sociais, tais como educação, saúde, assistência social, esporte, cultura e lazer; IV — dos órgãos estaduais, distrital e municipais gestores das políticas sociais, tais como educação, saúde, assistência social, segurança, esporte, cultura e lazer; V — Fórum dos Direitos da Criança e do Adolescente e organizações da sociedade civil integrantes do Sistema de Garantia de Direitos; e VI - de crianças e adolescentes. §1º O Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente e os setoriais contarão com dois representantes cada, devendo indicação atender paridade entre representantes governamentais e representantes da sociedade civil. §2º. A representação prevista no inciso VI, no que se refere ao quantitativo e processo de escolha, será definida pelo Conselho de Direito e constará da resolução do CMDCA. §3º. A Comissão poderá, no intuito de qualificar os debates e encaminhamentos,

convidar profissionais e especialistas na temática para participarem de suas reuniões. §4º. Representantes do Ministério Público, do poder Judiciário, da Defensoria Pública e de outras instituições públicas poderão participar da Comissão Interssetorial na condição de convidados em caráter permanente, com direito a voz e Voto. Art. 34. Resolução do Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente deverá dispor sobre a criação e a composição da Comissão Interssetorial: Art. 35. Compete à Comissão Interssetorial: I — definir plano de atividades para discussão e elaboração do plano decenal, bem como elaborar a proposta do plano decenal dos direitos humanos de crianças e adolescentes; II — articular junto a órgãos e entidades objetivando sua participação na discussão e na elaboração do plano decenal dos direitos humanos de crianças e adolescentes; III — assegurar a participação efetiva de crianças e adolescentes no processo de discussão e elaboração do plano decenal dos direitos humanos de crianças e adolescentes; IV — propor e acompanhar a realização de diagnóstico da situação local referente à promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente; e V — submeter a minuta de plano decenal à consulta pública local, seja por audiência pública, consulta virtual ou outro mecanismo participativo equivalente. Art. 36. Compete ao Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente: I — aprovar e deliberar o respectivo plano decenal dos direitos humanos de crianças e adolescentes; II — apoiar e articular a implementação das ações do plano decenal dos direitos humanos de crianças e adolescentes; III — articular com os Órgãos do Poder Executivo e Legislativo visando à inserção de ações constantes do plano decenal dos direitos da criança e do adolescente no plano plurianual e na lei orçamentária; IV — definir instrumentos de avaliação e monitoramento da implementação do plano decenal dos direitos humanos de crianças e adolescentes; e V — encaminhar o respectivo plano decenal dos direitos humanos de crianças e adolescentes ao Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Seção VIII Do Regimento Interno Art. 37. O Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente deverão elaborar um regimento interno que defina o funcionamento do órgão, prevendo dentre outros os seguintes itens: I - a estrutura funcional mínima composta por plenário, presidência, comissões e secretaria definindo suas respectivas atribuições; II - a forma de escolha dos membros da presidência do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, assegurando a alternância entre representantes do governo e da sociedade civil organizada; III - a forma de substituição dos membros da presidência na falta ou impedimento dos mesmos; IV - a forma de convocação das reuniões ordinárias e extraordinárias do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, com comunicação aos integrantes do órgão, titulares e suplentes, de modo que se garanta presença de todos os seus membros e permita a participação da população em geral; V - a forma de inclusão das matérias em pauta de discussão e deliberações com a obrigatoriedade de sua prévia comunicação aos conselheiros; VI - a possibilidade de discussão de temas que não tenham sido previamente incluídos em pauta; VII - o quórum mínimo necessário para instalação das sessões ordinárias e extraordinárias do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente; VIII - as situações em que o quórum qualificado deve ser exigido no processo de tomada de decisões com sua expressa indicação quantitativa; IX - a criação de comissões e grupos de trabalho, que deverão ser compostos de forma paritária; X - a forma como ocorrerá a discussão das matérias colocadas em pauta; XI - a forma como se dará a participação dos presentes na assembleia ordinária; XII - a garantia de publicidade das assembleias ordinárias, salvo os casos expressos de obrigatoriedade de sigilo; XIII - a forma como serão efetuadas as deliberações e votações das matérias com a previsão de solução em caso de empate; XIV - a forma como será deflagrado e conduzido o procedimento administrativo com vista à exclusão de organização da sociedade civil ou seu representante, quando da reiteração de faltas injustificadas e ou prática de ato incompatível com a função, observada a legislação específica; e XVI - a forma como será deflagrada a substituição do representante do órgão público, quando tal se fizer necessária. Seção IX Do Registro das Entidades e Programas de Atendimento Art. 38. Na forma do disposto nos artigos 90, parágrafo único, e 91, da Lei 8.069/90, cabe ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente: I - efetuar o registro das organizações da sociedade civil sediadas em sua base territorial que prestem atendimento a crianças, adolescentes e suas respectivas famílias, executando os programas a que se refere o art. 90, caput e, no que couber, as medidas previstas nos arts. 101, 112 e 129, todos da Lei 8.069/90; II - a inscrição dos programas de atendimento a crianças, adolescentes e suas respectivas famílias, em execução na sua base territorial por entidades governamentais e das organizações da sociedade civil. Parágrafo único. o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente deverá, ainda, realizar periodicamente, a cada 02 (dois) anos, no máximo, o cadastramento das entidades e dos programas em execução, certificando-se de sua contínua adequação à política de promoção dos direitos da criança e do adolescente traçada. Art. 39. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente deverá expedir resolução indicando a relação de documentos a serem fornecidos pela

entidade para fins de registro. considerando o disposto no art. 91 da Lei 8.069,90. Parágrafo único. Os documentos a serem exigidos visarão, exclusivamente, comprovar a capacidade da entidade de garantir a política de atendimento compatível com os princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente, Art. 40. Quando do registro ou renovação, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, com o auxílio de Outros órgãos e serviços públicos, deverão certificar-se da adequação da entidade e do programa às normas e princípios estatutários, bem como a outros requisitos específicos que venha a exigir, por meio de resolução própria, §1º. Será negado registro à entidade nas hipóteses relacionadas pelo art. 91, parágrafo único, da Lei ne 8.069,90 e em outras situações definidas pela mencionada resolução do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente; §2º. Será negado registro e inscrição do programa que não respeite os princípios estabelecidos pela Lei ne 8.059,90 e seja incompatível com a política de promoção dos direitos da criança e do adolescente traçada pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente; §3º. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente não concederá registros para funcionamento de entidades nem inscrição de programas que desenvolvam somente atendimento em modalidades educacionais formais de educação infantil, ensino fundamental e médio. §4º. Verificada a ocorrência de alguma das hipóteses previstas nos parágrafos anteriores, a qualquer momento poderá ser cassado o registro concedido entidade ou programa, comunicando-se o fato à autoridade judiciária, Ministério Público e Conselho Tutelar. Art. 41. Caso alguma entidade ou programa esteja comprovadamente atendendo crianças ou adolescentes sem o devido registro no respectivo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, deverá o fato ser levado de ao conhecimento da autoridade judiciária, Ministério Público e Conselho Tutelar para a tomada das medidas cabíveis, na forma do disposto nos arts. 95, 97, 191, 192 e 193 da 8.069,90. Art. 42. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança Adolescente expedirá ato próprio dando publicidade do registro das entidades e programas que preencherem os requisitos exigidos, sem prejuízo de sua imediata comunicação ao Juízo da Infância e da Juventude e ao Conselho Tutelar. conforme o previsto nos arts. 90, parágrafo único, e 91. caput, da Lei nº8.069,90. Seção X Da publicação dos atos Deliberativos Art. 43. Os atos deliberativos do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente deverão ser publicados nos órgãos oficiais e/ou na imprensa total, seguindo as mesmas regras de publicação pertinentes aos demais atos do Executivo. parágrafo único. A aludida publicação deverá ocorrer na primeira oportunidade subsequente à reunião do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente. CAPÍTULO IV DO CONSELHO TUTELAR Seção I Da Criação e Manutenção do Conselho Tutelar Art. 44. Fica mantido o Conselho Tutelar já criado e instalado através da Lei Municipal nº 006 de 23 de fevereiro de 1998. órgão permanente e autônomo, jurisdicional, encarregado pela sociedade de desempenhar funções administrativas direcionadas ao cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, composto por OS (cinco) membros. Art. 45. A Lei Orçamentária deverá estabelecer dotação específica para implantação, manutenção, funcionamento do Conselho Tutelar, bem como para o processo de escolha dos conselheiros tutelares. custeio com remuneração. formação continuada e execução de suas atividades. §1º. para a finalidade do Caput, devem ser consideradas as seguintes despesas: a) custeio com mobiliário, água, luz, telefone fixo e móvel, internet, computadores, fax, entre outros necessários ao bom funcionamento do Conselho Tutelar; b) formação continuada para os membros do Conselho Tutelar; c) custeio de despesas dos conselheiros inerentes ao exercício de suas atribuições, inclusive diárias e transporte, quando necessário deslocamento para outro município; d) espaço adequado para a sede do Conselho Tutelar. seja por meio de aquisição, seja por bem como sua manutenção; e) transporte adequado, permanente e exclusivo para o exercício da função, incluindo sua manutenção e segurança da sede e de todo o seu patrimônio; f) processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar. §2º. Na hipótese de inexistência de lei municipal que atenda os fins do caput ou de seu descumprimento, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o Conselho Tutelar ou qualquer cidadão poderá requerer aos Poderes Executivo e Legislativo, assim como ao Ministério público competente, a adoção das medidas administrativas e judiciais cabíveis. §3º. A gestão orçamentária e administrativa do Conselho Tutelar ficará a cargo do Gabinete do Prefeito. §4º. Cabe ao Poder Executivo quadro de equipe administrativa permanente, com perfil adequado às especificidades das atribuições do Conselho Tutelar. §5º. O Conselho Tutelar requisitará os serviços nas áreas de educação, saúde, assistência social, entre outras, com a devida urgência, de forma a atender ao disposto na artigo 49, parágrafo único, e no artigo 136, inciso III, alínea da Lei 8.069, de 1.990. §6º. Fica vedado o uso dos recursos do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente para quaisquer fins que não sejam destinados formação e à qualificação funcional dos Conselheiros Tutelares. Seção II Do Processo de Escolha dos Membros do Conselho Tutelar Subseção I Disposições Gerais Art. 46. O processo de escolha dos membros do

Conselho Tutelar observará as seguintes diretrizes: I - sufrágio universal e direto, pelo voto facultativo e Secreto dos eleitores do respectivo município. realizado em data unificada em todo território nacional, a cada quatro anos, no primeiro domingo do mês de outubro do ano subsequente ao da eleição presidencial; II - candidatura individual, não sendo admitida a composição de chapas; III - fiscalização pelo Ministério Público; e IV - a posse dos conselheiros tutelares ocorrerá no dia 10 de janeiro do ano subsequente ao processo de escolha. V - O resultado do processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar deverá ser publicado no Diário Oficial. §1º. Podem votar os maiores de 16 de idade, inscritos como eleitores no Município. §2º O cidadão poderá votar em apenas 01 (um) Candidato, constante da cédula, sendo nula a cédula que contiver mais de um nome assinalado ou que tenha qualquer tipo de inscrição que possa identificar o eleitor, Art. 47. Os 5 (cinco) candidatos mais votados serão nomeados e empossados pelo Chefe do Poder Executivo Municipal e os demais candidatos seguintes serão considerados suplentes, seguindo-se a ordem decrescente de votação. §1º. O mandato será de 04 (quatro) anos. permitida uma recondução, mediante novo processo de escolha. §2º. O conselheiro tutelar titular que tiver exercido o cargo por período consecutivo superior a um mandato e meio não poderá participar do processo de escolha subsequente. Art. 48. Caberá ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente — CMDCA, com a antecedência de no mínimo 06 (seis) meses antes do término do mandato dos Conselheiros Tutelares em exercício, publicar o edital do processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar. §1º. O edital do processo de escolha deverá prever, entre outras disposições: a) o calendário com as datas e os prazos para registro de candidaturas, impugnações, recursos e outras fases do certame, de forma que o processo de escolha se inicie com no mínimo 06 (seis) meses antes do dia estabelecido para o certame; b) a documentação a ser exigida dos candidatos, como forma de comprovar o preenchimento dos requisitos previstos no art. 133 da Lei 8.069, de 1.990; c) as regras de diverteção do processo de escolha, contendo as condutas permitidas e vedadas aos candidatos, com as respectivas sanções; d) criação e composição de comissão especial encarregada de realizar o processo de escolha; e) formação dos candidatos escolhidos como titulares e dos 5 (cinco) primeiros candidatos suplentes. §2º. O Edital do processo de escolha para o Conselho Tutelar não poderá estabelecer outros requisitos além daqueles exigidos dos candidatos pela Lei nº 8.069, de 1.990, e pela legislação municipal correlata. §3º. O edital que institui o processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar disporá sobre providências visando garantir que o processo de escolha seja realizado em locais públicos de fácil acesso, observando os requisitos essenciais de acessibilidade. Art. 49. A relação de condutas ilícitas e vedadas seguirá o disposto na legislação municipal com a aplicação de sanções de modo a evitar o abuso do poder político, econômico, religioso, institucional e dos meios de comunicação. Art. 50. Caberá ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente conferir ampla publicidade ao processo de escolha dos membros para o Conselho Tutelar, mediante publicação de Edital de Convocação do pleito no diário oficial do Município, ou meio equivalente. afixação em locais de amplo acesso ao público. chamadas na rádio, jornais e Outros meios de divulgação. Parágrafo único. A divulgação do processo de escolha deverá conter informações sobre as atribuições do Conselho Tutelar e sobre a importância da participação de todos os cidadãos, na condição de candidatos ou eleitores, servindo de instrumento de mobilização popular em torno da causa da infância e da juventude. Art. 51. Compete ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente obter junto Justiça Eleitoral/ o empréstimo de urnas eletrônicas. bem como elaborar o software respectivo, observadas as disposições das resoluções aplicáveis expedidas pelo Tribunal Superior Eleitoral e Tribunal Regional Eleitoral da localidade. Parágrafo único. Em caso de impossibilidade de obtenção de urnas eletrônicas. obter junto à Justiça Eleitoral o empréstimo de urnas comuns e o fornecimento das listas de eleitores a fim de que votação seja feita manualmente, Subseção II Da Comissão do processo Eleitoral Art. 52. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente deverá delegar a condução do processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar a uma comissão especial. a qual deverá ser constituída por composição paritária entre conselheiros representantes do governo e da sociedade civil. observados os mesmos impedimentos legais. §1º. A composição. assim como as atribuições da comissão referida no caput deste artigo. devem constar na resolução regulamentadora do processo de escolha. §2º. A comissão especial encarregada de realizar o processo de escolha deverá analisar os pedidos de registro de candidatura e dar ampla publicidade à relação dos pretendentes inscritos, facultando a qualquer cidadão ao ministério público impugnar. no prazo de 5 (cinco) dias contados da publicação, candidatos que não atendam as requisitos exigidos, indicando os elementos probatórios. §3º. Diante da impugnação de candidatos ao Conselho Tutelar em razão do não preenchimento dos requisitos legais ou da prática de condutas ilícitas ou vedadas. cabe comissão

especial eleitoral: I - notificar os candidatos, concedendo-lhes prazo para apresentação de defesa; e II - realizar reunião para decidir acerca da impugnação da candidatura, podendo, se necessário, ouvir testemunhas eventualmente arroladas, determinar a juntada de documentos e a realização de outras diligências. §4º. Das decisões da comissão especial eleitoral caberá recurso à plenária do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, que se reunirá, em caráter extraordinário, para decisão com o máximo de celeridade. §5º. Esgotada a fase recursal, a comissão especial encarregada de realizar o processo de escolha fará publicar a relação dos candidatos habilitados, com cópia ao Ministério Público. §6º. Cabe ainda à comissão especial encarregada de realizar o processo de escolha: I - realizar reunião destinada a dar conhecimento formal das regras do processo de escolha aos candidatos considerados habilitados, que firmarão compromisso de respeitá-las, sob pena de imposição das sanções previstas na legislação municipal; II - estimular e facilitar o encaminhamento de notificação de fatos que constituam violação das regras de divulgação do processo de escolha por parte dos candidatos ou sua ordem; III - analisar e decidir, em primeira instância administrativa, os pedidos de impugnação e outros incidentes ocorridos no dia da votação; IV - providenciar a confecção das cédulas, conforme modelo a ser aprovado; V - escolher e divulgar os locais do processo de escolha; VI - selecionar, preferencialmente junto a órgãos públicos municipais, os mesários e escrutinadores, bem como, seus respectivos suplentes, que serão previamente orientados sobre como proceder no dia do processo de escolha, na forma da resolução regulamentadora do pleito; VII - solicitar, junto ao comandante da Polícia Militar ou Guarda Municipal local, a designação de efetivo para garantir a ordem e segurança dos locais do processo de escolha e apuração; VIII - divulgar, imediatamente após a apuração, o resultado oficial do processo de escolha; e IX - resolver os casos omissos. §7º. O Ministério Público será notificado, com a antecedência mínima de 72 (setenta e duas) horas, de todas as reuniões deliberativas a serem realizadas pela comissão especial encarregada de realizar o processo de escolha e pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, bem como de todas as decisões nelas proferidas e de todos os incidentes verificados. Subseção III Da Inscrição Art. 53. Para a candidatura a membro do Conselho Tutelar os candidatos devem preencherem, até o encerramento das inscrições, os seguintes requisitos: I — reconhecida idoneidade moral, firmada em documentos próprios, segundo critérios estipulados pelo CMDCA, através de resolução; II — idade superior a 21 (vinte e um) anos; III — residir no município há mais de 02 (dois) anos; IV — conclusão de ensino médio completo no ato da inscrição; V — ter comprovada atuação de no mínimo 02 (dois) anos na área de atendimento, promoção e defesa dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes; VI — não ter sofrido penalidade de perda de mandato de conselheiro tutelar no período vigente; VII — estar gozo dos direitos políticos; VIII — não exercer mandato político; IX — não estar sendo processado criminalmente no município ou em qualquer outro município; X — não ter sofrido nenhuma condenação judicial, transitada em julgado; XI — estar no pleno gozo das aptidões física e mental para o exercício da cargo de conselheiro; XII — possuir curso de informática básica; XIII — estar quites com as obrigações militares (para os candidatos do sexo masculino). §1º. Além do preenchimento dos requisitos indicados neste artigo, será obrigatória a aplicação de prova de conhecimentos específicos sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, assegurado o prazo para interposição de recurso junto a Comissão Especial, a partir da publicação do resultado aos candidatos inscritos, exceto aos candidatos que estejam exercendo mandato. §2º. O membro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA ou servidor municipal ocupante de cargo em que pretenda concorrer ao cargo de Conselheiro Tutelar deverá requerer o seu afastamento no ato da inscrição. Art. 54. O pedido de inscrição deverá ser formulado pelo candidato em requerimento assinado e protocolizado na sede do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA até a data-limite prevista no Edital, devidamente instruído com os documentos necessários à comprovação dos requisitos estabelecidos no Edital. Art. 55. Cada candidato poderá registrar, além do nome, um codinome. Parágrafo único. Não poderá haver registro de codinomes iguais, prevalecendo o codinome do primeiro candidato a efetuar a sua inscrição. Subseção IV Da Realização do pleito Art. 56. O processo de escolha para o Conselho Tutelar ocorrerá com o número mínimo de 10 (dez) pretendentes devidamente habilitados. §1º. Caso o número de pretendentes habilitados seja inferior a 10 (dez), o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente poderá suspender o trâmite do processo de escolha e reabrir prazo para inscrição de novas candidaturas, sem prejuízo da garantia de posse dos novos Conselheiros ao término do mandato em §2º. Em qualquer caso, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente deverá empenhar esforços para que o número de candidatos seja o maior possível, de modo a ampliar as opções de escolha pelos eleitores e obter um número maior de suplentes. Art. 57. É vedada qualquer propaganda eleitoral nos veículos de comunicação social, ou a sua afixação em locais públicos ou

particulares, admitindo-se somente a realização de debates e entrevistas, em igualdade de condições. §1º A divulgação das candidaturas será permitida através da distribuição de impressos, indicando o nome do candidato bem como suas características e sendo expressamente vedada sua afixação em prédios públicos ou particulares. §2º É vedada a propaganda feita através de camisetas, bonés e outros meios semelhantes, bem como por alto falante ou assemelhados fixos ou em veículos. §3º. O período lícito de propaganda terá início a partir da data em que forem homologadas as candidaturas, encerrando-se 02 (dois) dias antes da data marcada para o pleito. §4º. No dia da votação é vedado qualquer tipo de propaganda, sujeitando-se o candidato que promovê-la a cassação de seu registro de candidatura em procedimento a ser apurado perante o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Art. 58. No processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar é vedado ao candidato doar, oferecer, prometer ou entregar ao eleitor bem ou vantagem pessoal de qualquer natureza, inclusive brindes de pequeno valor. Art. 59. Não sendo eletrônica a votação, as cédulas eleitorais serão confeccionadas pela Prefeitura Municipal, mediante modelo previamente aprovado pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. §1º. As cédulas de que trata este artigo serão rubricadas pelos membros das mesas receptoras de Voto antes de sua efetiva utilização pelo cidadão. §2º. A cédula conterá os nomes de todos os candidatos, cujo registro de candidatura tenha sido homologado, após aprovação em prova de conhecimentos específicos, indicando a ordem do sorteio realizado na data de homologação das candidaturas, na presença de todos os candidatos, que, notificados, comparecerem, ou em ordem alfabética de acordo com decisão prévia da Comissão Especial. Art. 60. medida que os votos forem sendo apurados poderá o candidato apresentar impugnações, que serão decididas de plano pela Comissão Especial, cabendo recurso ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, no prazo de 03 (três) dias, a contar do dia da apuração. Art. 61. Concluída a apuração dos votos, o proclamará o resultado da eleição, mandando publicar os nomes dos candidatos eleitos (titulares e suplentes) e os sufrágios. Art. 62. Os cinco primeiros mais votados serão considerados eleitos, ficando os demais, pela ordem de votação, como suplentes. §1º. Havendo empate entre os candidatos, será considerado escolhido aquele que tiver comprovado, na documentação apresentada na oportunidade do pedido de registro de pré-candidatura, maior tempo de experiência em instituições de assistência à infância e a juventude. §2º. Persistindo o empate, se dará preferência ao candidato mais velho. Art. 63. Às eleições dos conselheiros tutelares, aplicam-se subsidiariamente as disposições da legislação eleitoral. Subseção V Dos Impedimentos e Suspeição Art. 64. São impedidos de servir no mesmo Conselho Tutelar os cônjuges, companheiros, mesmo que em união homoafetiva, ou parentes em linha reta, colateral ou por afinidade, até o terceiro grau, inclusive. parágrafo único. Estende-se o impedimento do caput ao conselheiro tutelar em relação autoridade judiciária e ao representante do Ministério Público com atuação na Justiça da Infância da Juventude da mesma comarca estadual, Art. 65. O membro do Conselho Tutelar será declarado impedido de analisar o caso quando: I - a situação atendida envolver cônjuge, companheiro, ou parentes em linha reta colateral ou por afinidade, até o terceiro grau, inclusive; II - for amigo íntimo ou inimigo capital de qualquer dos interessados; III - algum dos interessados for credor ou devedor do membro do Conselho Tutelar, de seu cônjuge, companheiro, ainda que em união homoafetiva, ou parentes em linha reta, colateral ou por afinidade, até o terceiro grau, inclusive; IV - tiver interesse na solução do caso em favor de um dos interessados. §1º. O membro do Conselho Tutelar também poderá declarar suspeição por motivo de foro íntimo. §2º. O interessado poderá requerer ao Colegiado o afastamento do membro do Conselho Tutelar que considere impedido, nas hipóteses desse artigo. Art. 66. Ocorrendo vacância ou afastamento de quaisquer dos membros titulares do Conselho Tutelar, o Poder Executivo Municipal convocará imediatamente o suplente para o preenchimento da vaga. §1º Os Conselheiros Tutelares suplentes serão convocados de acordo com a ordem de votação e receberão remuneração proporcional aos dias que atuarem no órgão, sem prejuízo da remuneração dos titulares quando em gozo de licenças e férias regulamentares. §2º. NO caso da inexistência de suplentes, caberá ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente realizar processo de escolha suplementar para o preenchimento das vagas. §3º. A homologação da candidatura de membros do Conselho Tutelar a cargos efetivos deverá implicar em afastamento do mandato, por incompatibilidade com o exercício da função. Seção III DO Funcionamento do Conselho Tutelar Art. 67. O Conselho Tutelar funcionará em local de fácil acesso, preferencialmente já constituído como referência de atendimento à população. §1º A sede do Conselho Tutelar deverá oferecer espaço físico e instalações que permitam o adequado desempenho das atribuições e competências dos conselheiros e o acolhimento digno ao público, contendo, no mínimo: I - placa indicativa da sede do Conselho; II - sala reservada para o atendimento e recepção ao público; III -

sala reservada para o atendimento dos casos;IV — sala reservada para os serviços administrativos; e V sala reservada para os Conselheiros Tutelares.§2º O número de salas deverá atender a demanda, de modo a possibilitar atendimentos simultâneos, evitando prejuízos à imagem e à intimidade das crianças e adolescentes atendidos. Art. 68. O Conselho Tutelar estará aberto público nos moldes estabelecidos pelo Regimento Interno, Sem prejuízo do atendimento ininterrupto à população, cabendo à legislação definir a forma de fiscalização do cumprimento do horário de funcionamento do Conselho Tutelar e da jornada de trabalho de seus membros.Art. 69. Todos os membros do Conselho Tutelar serão submetidos à mesma carga horária semanal de trabalho, bem como aos mesmos períodos de plantão ou sobreavisa, sendo vedado qualquer tratamento desigual.Parágrafo único. O disposto no caput não impede a divisão de tarefas entre os conselheiros, para fins de realização de diligências, atendimento descentralizado em comunidades distantes da sede. fiscalização de entidades, programas e Outras atividades externas, sem prejuízo do caráter colegiado das decisões tomadas pelo Conselho. Art. 70. As decisões do Conselho Tutelar serão tomadas pelo seu colegiado, conforme dispuser o Regimento Interno.§1º As medidas de caráter emergencial, tomadas durante os plantões, serão comunicadas ao colegiado no primeiro dia útil subsequente, para ratificação Ou ratificação.§2º As decisões serão motivadas e comunicadas formalmente aos interessados, mediante documento escrito, no prazo máximo de quarenta e oito horas, sem prejuízo de seu registro em arquivo próprio, na sede do Conselho.S3º Se não localizado. O interessado será intimado através de publicação do extrato da decisão na sede do Conselho Tutelar, admitindo-se outras formas de publicação, de acordo com o disposto na legislação municipal.§4º É garantido ao Ministério Público e à autoridade judiciária o acesso irrestrito aos registros do Conselho Tutelar, resguardado o sigilo perante terceiros.§5º Os demais interessados ou procuradores legalmente constituídos terão acesso às atas das sessões deliberativas e registros do Conselho Tutelar que lhes digam respeito, ressalvadas as informações que coloquem em risco a imagem ou a integridade física ou psíquica da criança ou adolescente, bem como a segurança de terceiros.§6º Para os efeitos deste artigo, são considerados interessadas os pais ou responsável legal da criança Ou adolescente atendido, bem como Os destinatários das medidas aplicadas e das requisições de serviço efetuadas. Art. 71. É vedado ao Conselho Tutelar executar serviços e programas de atendimento, os quais devem ser requisitados aos órgãos encarregados da execução de políticas públicas,Art. 72. Cabe ao Poder Executivo Municipal fornecer ao Conselho Tutelar os meios necessários para sistematização de informações relativas às demandas e deficiências na estrutura de atendimento à população de crianças e adolescentes, tendo como base o Sistema de Informação para a Infância e Adolescência — SIPIA, ou sistema equivalente.§1º Cabe aos órgãos públicos responsáveis pelo atendimento de Crianças e adolescentes com atuação no município, auxiliar o Conselho Tutelar na coleta de dados e no encaminhamento das informações relativas às demandas e deficiências das políticas públicas ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.§2º Cabe ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente a definição do plano de implantação do SIPIA para o Conselho Tutelar. Seção IVDa Autonomia do Conselho Tutelar e sua Articulação com os demais órgãos na Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente Art. 73. A autoridade do Conselho Tutelar para tomar providências aplicar medidas de proteção, elou pertinentes aos pais e responsáveis, decorrentes da lei, sendo efetivada em nome da sociedade para que cesse a ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente, têm eficácia plena e são passíveis de execução imediata.Art. 74. O Conselho Tutelar exercerá exclusivamente as atribuições previstas na Lei nº 8.069, de 1.990, não podendo ser criadas novas atribuições por ato de quaisquer outras autoridades do Poder Judiciário, Ministério Público, do Poder Legislativo ou do Poder Executivo municipal.Art. 75. A atuação do Conselho Tutelar deve ser voltada Solução efetiva E definitiva dos casos atendidos, com o objetivo de desjudicializar, desburocratizar e agilizar o atendimento das crianças -e dos adolescentes, ressalvado as disposições previstas na Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1.990.Parágrafo único. O caráter resolutivo da intervenção do Conselho Tutelar não impede que o Poder Judiciário seja informado das providências tomadas ou acionado, sempre que necessário. Art. 76. As decisões do Conselho Tutelar proferidas no âmbito de suas atribuições e obedecidas as formalidades legais, têm eficácia plena e são passíveis de execução imediata.§1º Cabe ao destinatário da decisão, em caso de discordância, ou a qualquer interessado requerer ao Poder Judiciário revisão, na forma prevista pelo art. 137, da Lei nº 8.069, de 1.990.§2º. Enquanto não suspensa Ou revista pelo Poder judiciário, a decisão proferida pelo Conselho Tutelar deve ser imediata e integralmente cumprida pelo seu destinatário, sob pena da prática da infração administrativa prevista no art. 249, da Lei nº 8-069, de 1.990. Art. 77. É vedado o exercício das atribuições inerentes ao Conselho Tutelar por pessoas estranhas ao órgão Ou que não tenham sido escolhidas pela comunidade no processo de eleição,



sendo nulos os atos por elas praticados. Art. 78. O Conselho Tutelar articulará ações para o estrito cumprimento de suas atribuições de modo a agilizar o atendimento junto aos órgãos governamentais e não governamentais encarregados da execução das políticas de atendimento de crianças, adolescentes e suas respectivas famílias. Parágrafo único. Articulação similar será também efetuada junto às Polícias Civil e Militar, Ministério Público, Judiciário Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, de modo que seu acionamento seja efetuado com máximo de urgência, sempre que necessário. Art. 79. No exercício de suas atribuições. O Conselho Tutelar não se subordina ao Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, com o qual deve manter uma relação de parceria, essencial ao trabalho conjunto dessas duas instâncias de promoção, proteção, defesa e garantidos direitos das crianças e dos adolescentes. §1º Na hipótese de atentado à autonomia do Conselho Tutelar, deverá o órgão noticiar às autoridades responsáveis para apuração da conduta do agente violador para conhecimento e adoção das medidas cabíveis. §2º O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente também será comunicado na hipótese de atentado autonomia do Conselho Tutelar, para acompanhar a apuração dos fatos. Art. 80. O exercício da autonomia do Conselho não isenta seu membro de responder pelas obrigações funcionais e administrativas junto ao Órgão ao qual está vinculado, conforme previsão legal. Seção V Das Atribuições dos Membros do Conselho Tutelar Art. 81. São atribuições do Conselho Tutelar: I — atender as crianças e adolescentes nas hipóteses previstas nos artigos 98 105. aplicando as medidas previstas no artigo 101, a VII, todos da Lei nº 8.069/90. II — atender e acompanhar os pais ou responsáveis. aplicando as medidas previstas no artigo 229. I a VII, do mesmo estatuto. III — promover a execução de suas decisões, podendo para tanto: a) requisitar serviços públicos nas áreas da saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança; b) representar junto a autoridade judiciária nos casos de descumprimento injustificado de suas deliberações. IV — encaminhar ao Ministério público notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra os direitos da criança ou do adolescente. V — encaminhar a autoridade judiciária os casos de sua competência. VI — providenciar a medida estabelecida pela autoridade judiciária, dentre as previstas no artigo 101. de I a V'. para o adolescente autor de ato infracional. VII — expedir notificações. VIII — requisitar certidões de nascimento e de óbito de criança ou adolescente quando necessário. IX — assessorar o Poder Executivo local na elaboração da proposta orçamentária para planos e programas de atendimento dos direitos da criança e do adolescente. X — representar, em nome da pessoa e da família, contra a violação dos direitos previstos no artigo 220, § 3º, inciso II, da Constituição Federal. XI — representar ao Ministério Público, para efeito das ações de perda ou suspensão do poder familiar. XII — elaborar e/ou modificar o seu regimento interno, que deverá ser aprovado por maioria absoluta, atendendo às disposições desta Lei Art. 82. No exercício de suas atribuições, o Conselho Tutelar deverá observar as normas e princípios contidos na Constituição, na Lei 8.069, de 1.990, na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, promulgada pelo Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1.990, bem como nas Resoluções do CONANDA, especialmente: I - condição da criança e do adolescente como sujeitos de direitos; II - proteção integral e prioritária dos direitos da criança e do adolescente; III - responsabilidade da família, da comunidade e da sociedade em geral, e do Poder Público pela plena efetivação dos direitos assegurados a crianças e adolescentes; IV - municipalização da política de atendimento a crianças e adolescentes; V - respeito à intimidade, e à imagem da criança e do adolescente; VI - intervenção precoce, logo que a situação de perigo seja conhecida; VII - intervenção mínima das autoridades e instituições na promoção e proteção dos direitos da criança e do adolescente; VIII - proporcionalidade e atualidade da intervenção tutelar; IX - intervenção tutelar que incentive a responsabilidade parental com a criança e o adolescente; X - prevalência das medidas que mantenham ou reintegrem a criança e o adolescente na sua família natural ou extensa ou, se isto não for possível, em família substituta; XI - obrigatoriedade da informação à criança e ao adolescente, respeitada sua idade e capacidade de compreensão, assim como aos seus pais ou responsável, acerca dos seus direitos, dos motivos que determinaram a intervenção e da forma como se processa; XII - Oitiva obrigatória e participação da criança e do adolescente, em separado ou na companhia dos pais, responsável ou de pessoa por si indicada, nos atos e na definição da medida de promoção dos direitos de proteção, de modo que sua opinião seja devidamente considerada pelo Conselho Art. 83. No caso de atendimento de crianças e adolescentes de comunidades remanescentes de quilombo e outras comunidades tradicionais, o Conselho Tutelar decidirá: I - submeter o caso à análise de organizações sociais reconhecidas por essas comunidades, bem como os representantes de órgãos públicos especializados, quando couber; II - considerar e respeitar, na aplicação das medidas de proteção, a identidade sociocultural, costumes, tradições e lideranças, bem como suas instituições, desde que não sejam incompatíveis com os direitos fundamentais reconhecidos pela

Constituição e pela Lei 8.069, de 1.990. Art. 84. No exercício da atribuição prevista no art. 95, da Lei 8.069, de 13 de julho de 1.990, constatando a existência de irregularidade na entidade fiscalizada ou no programa de atendimento executado, o Conselho Tutelar comunicará o fato ao Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente e ao Ministério Público, na forma do art. 191 da mesma lei. Art. 85. Para o exercício de suas atribuições, o membro do Conselho Tutelar poderá ingressar e transitar livremente: I - nas salas de sessões do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente; II - nas salas e dependências das delegacias e demais órgãos de segurança pública; III - nas entidades de atendimento nas quais se encontrem crianças e adolescentes; e IV - em qualquer recinto público ou privado no qual se encontrem crianças e adolescentes, ressalvada a garantia constitucional de inviolabilidade de domicílio. Parágrafo único. Sempre que necessário o integrante do Conselho Tutelar poderá requisitar o auxílio dos órgãos locais de segurança pública, observados os princípios constitucionais da proteção integral e da prioridade absoluta à criança e ao adolescente. Art. 86. Em qualquer caso, deverá ser preservada a identidade da criança ou adolescente atendido pelo Conselho Tutelar. §1º O membro do Conselho Tutelar poderá se abster de pronunciar publicamente acerca dos casos atendidos pelo órgão. §2º O membro do Conselho Tutelar será responsável pelo uso indevido das informações e documentos que requisitar. §3º A responsabilidade pelo uso e divulgação indevidos de informações referentes ao atendimento de crianças e adolescentes se estende aos funcionários e auxiliares a disposição do Conselho Tutelar. Art. 87. As requisições efetuadas pelo Conselho Tutelar às autoridades, órgãos e entidades da Administração Pública direta, indireta ou fundacional, dos Poderes Legislativo e Executivo Municipal serão cumpridas de forma gratuita e prioritária, respeitando-se os princípios da razoabilidade e legalidade. Seção VI Da Função, Qualificação e Direitos dos Membros do Conselho Tutelar Art. 88. A função de membro do Conselho Tutelar exige dedicação exclusiva, vedado o exercício concomitante de qualquer outra atividade pública ou privada. Art. 89. A função de Conselheiro Tutelar será remunerada, de acordo com o disposto em legislação municipal. §1º A remuneração deve ser proporcional relevância e complexidade da atividade desenvolvida, e sua revisão far-se-á na forma estabelecida pela legislação municipal. §2º A remuneração fixada não gera relação de emprego com a municipalidade não podendo, em nenhuma hipótese e sob qualquer título ou pretexto, exceder a pertinente ao funcionalismo municipal de nível superior. §3º Sendo eleito funcionário público municipal, fica-lhe facultado optar pelos vencimentos e vantagens de seu cargo, vedada acumulação de vencimentos. §4º Aos membros do Conselho Tutelar, apesar de não terem vínculo empregatício com o Município de São Pedro da Água Branca — MA, será assegurado o direito a cobertura previdenciária, gozo de férias anuais remuneradas, acrescidas de (um terço) do valor da remuneração mensal, licença maternidade, licença paternidade e gratificação natalina. §5º Aos membros do Conselho Tutelar também será assegurado o direito de licença para tratamento de saúde, na forma de acordo com os ditames do estatuto do servidor público municipal, aplicado no que couber e naquilo que não dispuser contrariamente esta Lei. §6º É vedado a exercício de qualquer atividade remunerada durante o período da licença, sob pena de cassação da licença e destituição da função. Art. 90. Os Conselheiros Tutelares terão direito a diárias ou ajuda de custo para assegurar a indenização de suas despesas pessoais quando, fora de seu município, participarem de eventos de formação, seminários, conferências, encontros e outras atividades semelhantes, e quando nas situações de representação do conselho. Parágrafo único. O Município deve manter um serviço de transporte de criança ou adolescente para outro município, quando eventualmente necessário. Se, excepcionalmente, o próprio conselheiro tutelar acompanhar a criança, as despesas com a criança, de qualquer forma, devem ser de responsabilidade do Município. Seção VII Dos Deveres e Vedações dos Membros do Conselho Tutelar Art. 91. Sem prejuízo das disposições específicas contidas na legislação Municipal, são deveres dos membros do Conselho Tutelar: I - manter conduta pública e particular ilibada; II - zelar pelo prestígio da instituição; III - indicar os fundamentos de seus pronunciamentos administrativos, submetendo sua manifestação à deliberação do colegiado; IV - obedecer aos prazos regimentais para suas manifestações e exercício das demais atribuições; V - comparecer às sessões deliberativas do Conselho Tutelar e do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, conforme dispuser o Regimento interno; VI - desempenhar suas funções com zelo, presteza e dedicação; VII - declarar-se suspeitos ou impedidos, nos termos da lei; VIII - adotar, nos limites de suas atribuições, as medidas cabíveis em face de irregularidade no atendimento a crianças, adolescentes e famílias; IX - tratar com urbanidade os interessados, testemunhas, funcionários e auxiliares do Conselho Tutelar e dos demais integrantes de órgãos de defesa dos direitos da criança e do adolescente; X - residir no Município; XI - prestar as informações solicitadas pelas autoridades públicas e pelas pessoas que tenham legítimo interesse ou seus procuradores legalmente constituídos; XII - identificar-se em suas

manifestações funcionais; XIII - atender aos interessados, qualquer momento, nos casos urgentes; e XIV - Prestar contas mediante encaminhamento de relatório trimestral ao Gabinete do prefeito Municipal, ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente, ao Ministério Público e ao juiz da Vara da Infância e da Juventude, contendo a síntese dos dados referentes ao exercício de suas atribuições, bem como as demandas e deficiências na implementação das políticas públicas, de modo que sejam definidas estratégias e deliberadas providências necessárias para solucionar os problemas existentes. Parágrafo único, Em qualquer caso, a atuação do membro do Conselho Tutelar será voltada para a defesa dos direitos fundamentais das crianças e adolescentes, cabendo-lhe, com o apoio do Colegiado, tomar as medidas necessárias à proteção integral que lhes é devida. Art. 92. Aplica-se aos membros do Conselho Tutelar as condutas vedadas previstas no regime jurídico dos servidores públicos do município, bem como as sanções a elas cominadas. Parágrafo único. Sem prejuízo das disposições contidas na legislação municipal, é vedado aos membros do Conselho Tutelar: I - receber, a qualquer título e sob qualquer pretexto, vantagem pessoal de qualquer natureza; II - exercer atividade no horário fixado na lei Municipal para o funcionamento do Conselho Tutelar; III - utilizar-se do Conselho Tutelar para o exercício de propaganda e atividade político-partidária; IV - ausentar-se da sede do Conselho Tutelar durante o expediente, salvo quando em diligências ou por necessidade do serviço; V - opor resistência injustificada ao andamento do serviço; VI - delegar a pessoa que não seja membro do Conselho Tutelar o desempenho da atribuição que seja de sua responsabilidade; VII - valer-se da função para lograr proveito pessoal ou de outrem; VIII - receber comissões, presentes ou vantagens de qualquer espécie, em razão de suas atribuições; IX - proceder de forma desidiosa; X - exercer quaisquer atividades que sejam incompatíveis com o exercício da função e com o horário de trabalho; XI - exceder no exercício da função, abusando de suas atribuições específicas, nos termos previstos na Lei 4.898, de 9 de dezembro de 1965; XII - deixar de submeter ao Colegiado as decisões individuais referentes à aplicação de medidas protetivas a crianças, adolescentes, pais ou responsáveis previstas nos arts. 129 e 130 da Lei nº 8.069, de 1.990; e XIII - descumprir as atribuições e os deveres funcionais. Seção VIII Do processo de Cassação e Vacância do Mandato Art. 93. Dentre outras causas estabelecidas na legislação Municipal, a vacância da função de membro do Conselho Tutelar decorrerá de: I - renúncia; II - posse e exercício em outro cargo, emprego ou função pública ou privada; III - aplicação de sanção administrativa de destituição da função; IV - falecimento; ou V - condenação por sentença transitada em julgado pela prática de crime que comprometa a sua idoneidade moral. Art. 94. Constituem penalidades administrativas passíveis de serem aplicadas aos membros do Conselho Tutelar, dentre outras as previstas na legislação municipal: I - advertência; II - suspensão do exercício da função; e III destituição do mandato. Art. 95. Na aplicação das penalidades administrativas, deverão ser consideradas a natureza e a gravidade da infração cometida, os danos que dela provierem para a sociedade ou serviço público, os antecedentes no exercício da função, assim como as circunstâncias agravantes e atenuantes previstas no Código Penal. Art. 96. As penalidades de suspensão do exercício da função e de destituição do mandato poderão ser aplicadas ao Conselheiro Tutelar nos casos de descumprimento de suas atribuições, prática de crimes que comprometam sua idoneidade moral, condutas vedadas ou conduta incompatível com a confiança outorgada pela comunidade. Parágrafo único. De acordo com a gravidade da conduta ou para garantia da instrução do procedimento disciplinar, poderá ser determinado o afastamento liminar do Conselheiro Tutelar até a conclusão da investigação. Art. 97. Cabe à legislação municipal estabelecer o regime disciplinar aplicável aos membros do Conselho Tutelar. §1º Aplica-se aos membros do Conselho Tutelar, no que couber, o regime disciplinar correlato ao funcionalismo público Municipal. §2º. As situações de afastamento ou cassação de mandato de Conselheiro Tutelar deverão ser precedidas de sindicância e processo administrativo disciplinar, assegurando-se a imparcialidade dos responsáveis pela apuração, e o direito ao contraditório e ampla defesa. §3º. Na omissão da legislação específica relativa ao Conselho Tutelar, a apuração das infrações éticas e disciplinares de seus integrantes utilizará como parâmetro o disposto na legislação municipal aplicável aos demais servidores públicos. §4º. O processo administrativo para apuração das infrações éticas e disciplinares cometidas por membros do Conselho Tutelar deverá ser realizado por membros do serviço público Municipal. Art. 98. Havendo indícios da prática de crime por parte do Conselheiro Tutelar, o Conselho Municipal da Criança e da Adolescente ou o órgão responsável pela apuração da infração administrativa, comunicará o fato ao Ministério Público para adoção das medidas legais. Seção IX Disposições Finais Art. 99. O Conselho Tutelar deverá atuar e aprovar, no prazo máximo de 90 (noventa) dias após a publicação desta lei, o seu Regimento interno, observados os parâmetros e normas definidas pela Lei nº 8.069, de 1.990 e pela legislação municipal. §1º A proposta do Regimento Interno deverá ser encaminhada ao Conselho Municipal dos Direitos da

Criança e da Adolescente para apreciação, sendo lhes facultado, o envio de propostas de alteração. §2º Uma vez aprovado, o Regimento interno do Conselho Tutelar será publicado, afixado em local visível na sede do órgão e encaminhado ao Poder Judiciário e ao Ministério Público. Art. 100. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, com apoio do Conselho Estaduais dos Direitos da Criança e do Adolescente e do CONANDA, deverão estabelecer, em conjunto com o Conselho Tutelar, uma política de qualificação profissional permanente dos seus membros, voltada correta identificação e atendimento das demandas inerentes ao órgão. Parágrafo único. A política referida no caput compreende o estímulo e o fornecimento dos meios necessários para adequada formação e atualização funcional dos membros do Conselho e seus supientes, o que inclui, dentre Outros, a disponibilização de material informativo, realização de encontros com profissionais que atuam na área da infância e juventude e patrocínio de cursos e palestras sobre o tema. Art. 101. Qualquer cidadão. O Conselho Tutelar e o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente é parte legítima para requerer aos Poderes Executivo e Legislativo, assim como ao Tribunal de Contas competente e ao Ministério Público, a apuração do descumprimento das normas de garantia dos direitos das crianças e adolescentes, especialmente as contidas na Lei nº 8.069 de 1.990, bem como requerer a implementação desses atos normativos por meio de medidas administrativas e judiciais. Art. 102. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, em conjunto com o Conselho Tutelar, deverão promover ampla e permanente mobilização da sociedade acerca da importância e do papel do Conselho Tutelar, Capítulo V DO FUNDO MUNICIPAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE Seção I Das Regras e Princípios Gerais da Criação e Natureza do Fundo Art. 103 — Fica Criado o Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, órgão vinculado ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente indispensável a captação, repasse e aplicação dos recursos destinados ao desenvolvimento das ações de atendimento criança e ao adolescente. Parágrafo único. Caberá ao Poder Executivo, em acordo com o respectivo Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, regulamentar por Decreto o Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, detalhando o seu funcionamento em conformidade com a legislação vigente e em atenção aos parâmetros propostos por esta Art. 104. O Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente não possui personalidade jurídica própria e deve utilizar a mesmo número base de inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) do Órgão ou da Secretaria qual for vinculado por lei. §1º Para garantir seu status orçamentário, administrativo e contábil diferenciado do órgão ao qual se encontrar vinculado, o CNPJ do Fundo deverá possuir um número de controle próprio. §2º. O Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente deve constituir unidade orçamentária própria e ser parte integrante do orçamento público. §3º. Devem ser aplicadas à execução orçamentária do Fundo as mesmas normas gerais que regem a execução orçamentária do Município. §4º. O Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente deverá assegurar que estejam contempladas no ciclo orçamentário as demais condições e exigências para alocação dos recursos do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, para o financiamento ou co-financiamento dos programas de atendimento, executados por entidades públicas e privadas. Art. 105. O Poder Executivo designará os servidores públicos que atuarão como gestor e/ou ordenador de despesas do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, autoridade de cujos atos resultará emissão de empenho, autorização de pagamento, suprimento ou dispêndio de recursos do Fundo. Seção II Das atribuições do Conselho de Direitos em relação aos Fundos da Criança e do Adolescente Art. 106. Cabe ao Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, em relação aos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente, sem prejuízo das demais atribuições: I - elaborar e deliberar sobre a política de promoção, proteção, defesa e atendimento dos direitos da criança e do adolescente no seu âmbito de ação; II - promover a realização periódica de diagnósticos relativos à situação da infância e da adolescência bem como do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente no âmbito de sua competência; III - elaborar planos de ação anuais ou plurianuais, contendo os programas a serem implementados no âmbito da política de promoção, proteção, defesa e atendimento dos direitos da criança e do adolescente, e as respectivas metas, considerando os resultados dos diagnósticos realizados e observando os prazos legais do ciclo orçamentário; IV - elaborar anualmente o plano de aplicação dos recursos do Fundo, considerando as metas estabelecidas para o período, em conformidade com o plano de V - elaborar editais fixando os procedimentos e critérios para a aprovação de projetos a serem financiados com recursos do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, em consonância com estabelecido no plano de aplicação e obediência aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade e publicidade; VI - publicar os projetos selecionados com base nos editais a serem financiados pelo Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente; VII - monitorar e avaliar a aplicação dos recursos do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, por

intermédio de balancetes trimestrais, relatório financeiro e o balanço anual do fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, sem prejuízo de outras formas, garantindo a devida publicitação dessas informações, em sintonia com o disposto em legislação. específica; VIII - monitorar e fiscalizar os programas, projetos e financiadas com os recursos do Fundo, segundo critérios e meios definidos pelo próprio Conselho. bem como solicitar aos responsáveis, a qualquer tempo, as informações necessárias ao acompanhamento e avaliação das atividades apoiadas pelo Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente; IX - desenvolver atividades relacionadas à ampliação da captação de recursos para o Fundo; e X - mobilizar a Sociedade para participar no processo de elaboração e implementação da política de promoção, proteção, defesa e atendimento dos direitos da criança e do adolescente, bem como na fiscalização da aplicação dos recursos do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente. Parágrafo único. Para o desempenho de suas atribuições, o poder Executivo deverá garantir ao Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente o suficiente e necessário suporte organizacional, estrutura física, recursos humanos e financeiros.

Seção III Das Fontes de Receitas e Normas para as Contribuições aos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente

Art. 107 — O Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente ter como receitas: I — recursos públicos que lhes forem destinados, consignados no Orçamento da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, inclusive mediante DO transferências do tipo "fundo a fundo" entre essas esferas de governo; II — doações de pessoas físicas e jurídicas, sejam elas de bens materiais, imóveis ou recursos financeiros; III — destinações de receitas dedutíveis do Imposto de Renda, com incentivos fiscais, nos termos do Estatuto da Criança e do Adolescente e demais legislações pertinentes; IV — contribuições de governos estrangeiros e de organismos internacionais multilaterais; V — o resultado de aplicações no mercado financeiro, observada a legislação pertinente; VI — recursos provenientes de multas, concursos de prognósticos, dentre outros que lhe forem destinados; VII — recursos advindos de convênios, acordos e contratos firmados no Município e instituições privadas e públicas, nacionais e internacionais, federais, estaduais e municipais; VIII — outros recursos que porventura lhe forem destinados. Parágrafo único. Nas hipóteses do inciso deste artigo, tanto as pessoas físicas quanto as jurídicas poderão indicar a entidade ou projeto que desejam auxiliar com suas doações ao fundo, cabendo ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente estabelecer os requisitos e percentuais que serão repassados, via resolução.

Art. 108. Os recursos Consignados no orçamento da União, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios devem compor o orçamento dos respectivos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente, de forma a garantir a execução dos planos de elaborados pelo Conselho dos Direitos

Art. 109. A definição quanto à utilização dos recursos dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente, deve competir única e exclusivamente ao Conselho dos Direitos. § 1º. Dentre as prioridades do plano de aprovado pelo Conselho de Direitos, deve ser facultado ao doador/destinador indicar, aquela ou aquelas de sua preferência para a aplicação dos recursos doados/destinados. § 2º. As indicações previstas acima poderão ser objeto de termo de compromisso elaborado pelo Conselho dos Direitos para formalização entre o destinador e o Conselho de Direitos.

Art. 110. O Conselho dos Direitos dá Criança e do Adolescente chancelará projetos, mediante edital específico. § 1º Chancela deve ser entendida como a autorização para captação de recursos aos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente destinados a projetos aprovados pelo Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente; § 2º A captação de recursos ao Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, referida no parágrafo anterior, deverá ser realizada pela instituição proponente para o financiamento do respectivo projeto; § 3º O Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente deverão fixar percentual de retenção dos recursos captados, em cada chancela, de no mínimo 20% ao Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente; § 4º O tempo de duração entre a aprovação do projeto e a captação dos recursos não deverá ser superior a 2 (dois) anos; § 5º Decorrido o tempo estabelecido no parágrafo anterior, havendo interesse da instituição proponente, o projeto poderá ser submetido a um novo processo de chancela; § 6º A chancela do projeto não deve obrigar seu financiamento pelo Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, caso não tenha sido captado valor suficiente.

Art. 111. O nome do doador ao Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente só poderá ser divulgado mediante sua autorização expressa, respeitado o que dispõe o Código Tributário Nacional.

Seção IV Das Condições de Aplicação dos Recursos do Fundo

Art. 112. A aplicação dos recursos do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, deliberada pelo Conselho de Direitos, deverá ser destinada para o financiamento de ações governamentais e não-governamentais relativas a: I - desenvolvimento de programas e serviços complementares ou inovadores, por tempo determinado, não excedendo a 3 (três) anos, da política de promoção, proteção, defesa e atendimento dos direitos da criança e do adolescente; II - acolhimento, sob a forma de guarda, de criança e de adolescente, órfão ou

abandonado, na forma do disposto no art. 227. § 3º, VI, da Constituição Federal e do art. 260, § 2º Lei nº 8.069, de 1990, observadas as diretrizes do Plano Nacional de Promoção. Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária; III - programas e projetos de pesquisa, de estudos, elaboração de diagnósticos, sistemas de informações, monitoramento e avaliação das políticas públicas de promoção, proteção e defesa e atendimento dos direitos da criança e do adolescente; IV - programas e projetos de capacitação e formação profissional continuada dos operadores do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente; V - desenvolvimento de programas e projetos de comunicação, campanhas educativas, publicações, divulgação das ações de promoção, proteção, defesa e atendimento dos direitos da criança e do adolescente; e VI - ações de fortalecimento do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente, com ênfase na mobilização social e na articulação para a defesa dos direitos da criança e do adolescente. Art. 113. É vedada a utilização dos recursos do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente para despesas que se identifiquem diretamente com a realização de seus Objetivos ou serviços determinados pela lei que o instituiu, exceto em situações emergenciais ou de calamidade pública previstas em lei, aprovados pelo plenário do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente. Parágrafo único. Além das condições estabelecidas no caput, deve ser vedada ainda a utilização dos recursos do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente para: I - a transferência sem a deliberação do respectivo Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente; II - pagamento, manutenção e funcionamento do Conselho Tutelar; III - manutenção e funcionamento do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente; IV - o financiamento das políticas públicas sociais básicas, em caráter continuado, e que disponham de fundo específico, nos termos definidos pela legislação pertinente; e V - investimentos em aquisição, construção, reforma, manutenção ou aluguel de imóveis públicos ou privados, ainda que de uso exclusivo da política da infância e da adolescência. Art. 114. Nos processos de seleção de projetos nos quais as entidades e os órgãos públicos ou privados representados no Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente figurem como beneficiários dos recursos do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, os mesmos não devem participar da comissão de avaliação e deverão abster-se do direito de voto. Art. 115. O financiamento de projetos pelos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente deve estar condicionado à previsão orçamentária e à disponibilidade financeira dos recursos. Art. 116. Desde que amparada em legislação específica e condicionado à existência e ao funcionamento efetivo do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, poderá ser admitida a transferência de recursos entre os Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente dos entes federados. Art. 117. O saldo financeiro positivo apurado no balanço do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente deve ser transferido para o exercício subsequente, a crédito do mesmo fundo. Seção V Das Atribuições do Gestor do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente Art. 118 O Gestor do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, nomeado pelo Poder Executivo deve ser responsável pelos seguintes procedimentos, dentre outros inerentes ao cargo: I - coordenar a execução do Plano Anual de Aplicação dos recursos do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, elaborado e aprovado pelo Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente; II - executar e acompanhar o ingresso de receitas e o pagamento das despesas do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente; III - emitir empenhos, cheques e ordens de pagamento das despesas do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente; IV - fornecer o comprovante de doação/destinação ao contribuinte, contendo a identificação do órgão do Poder Executivo, endereço, número de inscrição no CNPJ no cabeçalho e, no corpo, o número de ordem, nome completo do doador/destinador, CPF/CNPJ, endereço, identidade, valor efetivamente recebido, local e data, devidamente firmado em conjunto com o Presidente do Conselho, para dar a quitação da operação; V - encaminhar Secretaria da Receita Federal a Declaração de Benefícios Fiscais (DSF), por intermédio da Internet, até o último dia útil do mês de abril, em relação ao ano calendário anterior; VI - comunicar obrigatoriamente aos contribuintes, até o último dia útil do mês de abril, a efetiva apresentação da Declaração de Benefícios Fiscais da qual conste, obrigatoriamente o nome ou razão social, CPF do contribuinte ou data e valor destinado; VII - apresentar, trimestralmente ou quando solicitada pelo Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, a análise e avaliação da situação econômico/financeira do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, através de balancetes e relatórios de gestão; VIII - manter arquivados, pelo prazo previsto em lei, os documentos comprobatórios da movimentação das receitas e despesas do Fundo, para fins de acompanhamento e fiscalização; IX - observar, quando do desempenho de suas atribuições, o princípio da prioridade absoluta criança e do adolescente, conforme disposto no art. 4º, caput e parágrafo único, alínea b, da Lei nº 8.069 de 1990 e art. 227, caput, da Constituição Federal. Parágrafo único. Deverá ser emitido um comprovante para cada doador, mediante a apresentação de

documento que comprove o depósito bancário em favor do Fundo, ou de documentação de propriedade, hábil e idónea. em se tratando de doação de bens. Seção VIDO Controle e da Fiscalização Art. 119. Os recursos do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente utilizados para o financiamento, total Ou parcial, de entidades governamentais ou não governamentais devem estar sujeitos prestação de contas de gestão aos órgãos de controle interno do Poder Executivo e ao Conselho de Direitos, bem como ao controle externo por parte do Poder Legislativo, do Tribunal de Contas e do Ministério Público. Parágrafo único. O Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, diante de indícios de irregularidades. ilegalidades ou improbidades em relação ao Fundo Ou suas dotações nas leis Orçamentárias. dos quais tenha ciência, deve apresentar representação junto ao Ministério Público para as medidas cabíveis. Art. 120. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente deve utilizar os meios ao Seu alcance para divulgar amplamente: I - as ações prioritárias das políticas de promoção. proteção, defesa e atendimento dos direitos da criança e do adolescente; II - os prazos e os requisitos para a apresentação de projetos S serem beneficiados com recursos do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente; III - a relação dos projetos aprovados em cada edital, o valor dos recursos previstos e a execução orçamentária efetivada para implementação dos mesmos; IV - o total das receitas previstas no orçamento do para cada exercício; e V - os mecanismos de monitoramento. de avaliação e de fiscalização dos resultados dos projetos beneficiados com recursos do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Art. 121. Nos materiais de divulgação das ações. projetos e programas que tenham recebido financiamento do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente deve ser obrigatória a referência ao Conselho e ao Fundo como fonte pública de financiamento. CAPÍTULO DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS Art. 122. No prazo de 90 (noventa) dias, contados da publicação desta Lei, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e o Conselho Tutelar em funcionamento deverão revisar seus respectivos regimentos internos, nos termos desta Lei bem como das resoluções do Conanda, apresentando-os aos Poderes Executivo e Legislativo Municipais, ao Juízo da Infância e da Juventude bem Como ao Ministério Público, para conhecimento e eventual impugnação. Art. 123. A celebração de convênios com os recursos do Fundo para a execução de projetos ou a realização de eventos deve se sujeitar às exigências da Lei n' 8.666, de 21 de junho de 1993 e legislação que regulamenta a formalização de convênios no âmbito da União. dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios Art. 124. Fica o Poder Executivo Municipal autorizado a abrir crédito suplementar para as despesas referentes à estruturação do Conselho, nos termos desta Lei, considerando o valor necessário e as condições financeiras do município. Art. 125 — Fica Criado o Sistema de Informação para a Infância e Juventude — SIPIA. com a implantação e implementação de registro de tratamento de informações sobre a garantia dos direitos fundamentais preconizados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, como instrumento para a ação do Conselho Tutelar e do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Art. 126. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogando toda5 as disposições em contrário, em especial. as Leis Municipais ne de 13 de fevereiro de 1998 e a Lei Municipal n' 077/2001. São Pedro da Água Branca, aos 05 de outubro do ano de 2015. VANDERLUCIO SIMÃO RIBEIRO Prefeito Municipal

Publicado por: JOELBERT

Código identificador: fjpa4cnueeu20220425180424



**Estado do Maranhão**  
**PREFEITURA MUNICIPAL SÃO PEDRO DA ÁGUA BRANCA**

**DIÁRIO OFICIAL ELETRÔNICO**

Controladoria Geral do Município  
Avenida Presidente Geisel – 691 – Centro – São Pedro da Água Branca – MA  
Cep: 65920-000

**Marília Gonçalves de Oliveira**  
Prefeito Municipal

**Joelbert Menezes Pereira**  
Controlador Geral do Município.

**Informações: [pmspab@saopedrodaaguabranca.ma.gov.br](mailto:pmspab@saopedrodaaguabranca.ma.gov.br)**

MUNICIPIO DE SAO  
PEDRO DA AGUA BRA  
NCA:01613956000121

/C=BR/O=ICP-Brasil/ST=MA/L=S?O PEDRO  
DA ?GUA BRANCA/OU=Secretaria da Receita  
Federal do Brasil - RFB/OU=RFB e-CNPJ A1/OU  
=23917962000105/OU=presencial/CN=MUNICIP  
IO DE SAO PEDRO DA AGUA  
BRANCA:01613956000121 Data:25.04.2022  
22:10